

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CRISTINA NORONHA CURY

POLE DANCE:
considerações sobre a prática e sua multiplicidade

PORTO ALEGRE
2018

CRISTINA NORONHA CURY

POLE DANCE:

considerações sobre a prática e sua multiplicidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Caleb Faria Alves

PORTO ALEGRE
2018

AGRADECIMENTOS

A todas as colegas e instrutoras de pole dance, em especial, às minhas amigas e professoras Bibis, Paulinha e Renatinha.

À Andressa, minha amiga e bibliotecária, por ter me apoiado e me ajudado nas questões formais, e aos meus bolsistas Darlam e Luiza, por me escutarem e opinarem.

Ao Caleb, pela orientação, conselhos e por acreditar em mim, em todas as vezes que eu estava prestes a desistir.

RESUMO

O pole dance vem ganhando adeptos no Brasil, na última década, sendo que o primeiro estúdio de dança especializado foi inaugurado em 2008. O pole dance é uma prática controversa e que possui múltiplos significados. Muitas pessoas podem associá-lo a uma dança de boate, realizada por *strippers*. Outras podem pensá-lo como uma atividade física de lazer, um esporte ou uma arte. De fato, existem várias formas de pole dance e, mundialmente, uma diferenciação entre as modalidades artística, esportiva e sensual. Para explicar os diversos significados do pole dance hoje, realizei um recorte enfocando a disputa entre pole dance sensual e pole esportivo. Apresento essas duas formas, os diferentes sentidos que atribuem ao pole dance e as relações que constroem com o gênero e o espaço, na tentativa de legitimidade social. Para entender a disputa de significados entre o pole dance sensual e pole esportivo, levando em consideração que é uma atividade predominantemente feminina, utilizo como chaves para reflexão as ideias de gênero e de espaço público *versus* privado. Este trabalho é uma pesquisa exploratória sobre o tema, realizada com levantamento bibliográfico e de caráter qualitativo.

Palavras-chaves: Pole dance. Esporte. Sensualidade. Gênero.

ABSTRACT

The pole dance gain fans in Brazil in the last decade, and the first dance studio was inaugurated in 2008. Pole dancing is a controversial practice and has multiple meanings. Many people can associate it with a nightclub dance performed by strippers. Others may think of it as a physical leisure activity, a sport or an art. In fact, there are several forms of pole dance and, worldwide, a differentiation between the artistic, sportive and sensual. To explain the meanings of pole dance today, I focus on the contest between sensual pole dance and pole sports. I present these two forms, the different meanings they attribute to pole dance and the relationships they construct with gender and space, in the attempt of social legitimacy. To understand the dispute of meanings between sensual pole dance and pole sports, I use as keys to think about gender and public versus private space. This work is an exploratory analysis on the theme, carried out with a bibliographical survey and qualitative character.

Keywords: Pole dance. Sport. Sensuality. Gender.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Mastro chinês..... | 21 |
| Fonte: < https://en.wikipedia.org/wiki/Chinese_pole > | |
| Figura 2 - Mallakhamb..... | 21 |
| Fonte: < http://www.edubilla.com/sport/mallakhamb/ > | |
| Figura 3 - Pole dance democrático..... | 32 |
| Fonte: < https://globoesporte.globo.com/eu-atleta/treinos/noticia/democratico-atleta-faz-bonito-e-mostra-que-pole-dance-tambem-e-coisa-de-homem.ghtml > | |
| Figura 4 - Pole dance atrai homens..... | 33 |
| Fonte: < http://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,visto-como-esporte-pole-dance-atrai-homens-que-buscam-definicao-muscular,10000069785 > | |
| Figura 5 - Pole dance como empoderamento..... | 33 |
| Fonte: < http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,de-sensual-pole-dance-vira-arma-de-empoderamento,70001860857 > | |
| Figura 6 – Pole dance masculino..... | 34 |
| Fonte: < http://www.universoaa.com.br/lifestyle/11-homens-que-provam-que-pole-dance-nao-e-coisa-de-meninas-ui/ > | |
| Figura 7 – Homens e o preconceito..... | 34 |
| Fonte: < https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2013/10/21/homens-tambem-praticam-pole-dance-mas-enfrentam-preconceito.htm > | |
| Figura 8 – Floorwork..... | 36 |
| Fonte: < http://poledancingadventures.com/comic/break-away/ > | |
| Figura 9 – Pleaser..... | 37 |
| Fonte: < https://www.facebook.com/playpolebrasil/photos/a.431016830424457.1073741829.327496777443130/879826448876824/?type=3&theater > | |
| Figura 10 – Evento Take Back the Night..... | 40 |
| Fonte: < http://www.auspoledancersmag.com.au/wp-content/uploads/2016/09/lawc-meme.jpg > | |
| Figura 11 – Pole dance e estigma..... | 42 |
| Fonte: < https://www.polewithpeach.com/blog/there-is-no-stigma-attached-to-pole-dancing/ > | |
| Figura 12 – Benefício do empoderamento..... | 43 |
| Fonte: < https://www.facebook.com/HighHeelsPoleStudio/photos/a.129777300458050.15248.129720363797077/1062455503856887/?type=3&theater > | |

| | |
|---|----|
| Figura 13 – Atividade libertadora..... | 43 |
| Fonte: | |
| < https://www.facebook.com/lustypoledancecafe/photos/a.914432548615929.1073741828.914249201967597/1750649758327533/?type=3&theater > | |
| Figura 14 – Dia das Mulheres..... | 43 |
| Fonte: | |
| < https://www.facebook.com/metropolestudio/photos/a.685589784842127.1073741828.663354400398999/1649775325090230/?type=3&theater > | |
| Figura 15 – Do clube de striptease ao esporte..... | 46 |
| Fonte: | |
| < https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2016/jul/25/strip-club-pole-dancing-children-stigma-olympic-sport > | |
| Figura 16 – Pole Fitness..... | 46 |
| Fonte: | |
| < https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2014/apr/29/pole-fitness-dancing-pole-fitness-olympics > | |
| Figura 17 – Esporte Olímpico..... | 47 |
| Fonte: | |
| < https://www.gazetaonline.com.br/esportes/mais_esportes/2017/10/pole-dance-esta-cada-vez-mais-perto-de-se-tornar-um-esporte-olimpico-1014104391.html > | |
| Figura 18 – Estigma de dança de boate..... | 47 |
| Fonte: | |
| < https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/07/18/poledance-quer-superar-estigma-de-danca-de-boate-e-virar-esporte-olimpico.htm > | |
| Figura 19 – Abaixo assinado: comentários I..... | 49 |
| Fonte: | |
| < https://www.change.org/p/brasil-campanha-nacional-pela-legitima%C3%A7%C3%A3o-do-pole-dance-2016 > | |
| Figura 20 - Abaixo assinado: comentários II..... | 50 |
| Fonte: | |
| < https://www.change.org/p/brasil-campanha-nacional-pela-legitima%C3%A7%C3%A3o-do-pole-dance-2016 > | |
| Figura 21 - Abaixo assinado: comentários III..... | 51 |
| Fonte: | |
| https://www.change.org/p/brasil-campanha-nacional-pela-legitima%C3%A7%C3%A3o-do-pole-dance-2016) | |
| Figura 22 – Legitimação do pole dance..... | 52 |
| Fonte: | |
| < http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2016/10/03/campanha-nacional-pela-legitimacao-do-pole-dance/ > | |
| Figura 23 – Benefícios do pole dance..... | 55 |
| Fonte: | |
| < https://www.facebook.com/letitellespolechair/photos/a.515534105490570.1073741829.512377662472881/578223475888299/?type=3&theater > | |

| | |
|---|----|
| Figura 24 – Pole Sports..... | 55 |
| Fonte: < https://www.instagram.com/p/BhVJQc0AJ2n/?hl=pt-br&taken-by=janieracunha > | |
| Figura 25 – Pole dance é esporte..... | 55 |
| Fonte: < https://www.instagram.com/p/BhJq93BHXbd/?hl=pt-br&taken-by=updancestudio > | |
| Figura 26 – Empresa que apoia o esporte..... | 56 |
| Fonte: < https://www.instagram.com/p/BiR7KJagdaB/?hl=pt-br&taken-by=janieracunha > | |
| Figura 27 – Empresa que apoia o Pole Sports..... | 57 |
| Fonte: < https://www.instagram.com/p/BiSAXSLHsvv/?hl=pt-br&taken-by=updancestudio > | |
| Figura 28 – Patrocinador do campeonato..... | 58 |
| Fonte: < https://www.facebook.com/fecapole/photos/a.772453516137930.1073741840.471613689555249/1470728689643739/?type=3&theater > | |
| Figura 29 – Empresa em evento Fitness..... | 58 |
| Fonte: < https://www.instagram.com/p/BhkBcAmFpM_/?hl=pt-br&tagged=gaiapolefitness > | |
| Figura 30 – Stronger than you..... | 59 |
| Fonte: < http://www.polefreaks.com/page/2/?s=stripper > | |
| Figura 31 – Not a stripper..... | 59 |
| Fonte: < ">https://www.cleosrocknpole.com/blog/-pole-dance-controversies-> > | |
| Figura 32 – Yes a stripper..... | 60 |
| Fonte: < https://www.facebook.com/ElliottsRoadhouseCabaret/photos/a.691162997600162.1073741843.376540605729071/1510707592312361/?type=3&theater > | |
| Figura 33 - Campanha de indignação..... | 65 |
| Fonte: < https://www.instagram.com/p/BfrOZAMHFHN/?hl=pt-br&taken-by=updancestudio > | |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 2 | DA VIDA PESSOAL PARA A VIDA ACADÊMICA..... | 13 |
| 3 | REVISÃO DE LITERATURA..... | 19 |
| 3.1 | Trabalhos acadêmicos já realizados sobre pole dance..... | 19 |
| 3.2 | Origens do pole dance: uma disputa de significados..... | 21 |
| 3.3 | Teoria Feminista..... | 23 |
| 3.3.1 | O gênero é uma performance..... | 24 |
| 3.3.2 | O pessoal é político: a desconstrução dos espaços..... | 27 |
| 3.3.3 | Empoderamento ou objetificação da mulher?..... | 29 |
| 4 | POLE DANCE..... | 32 |
| 4.1 | Pole dance como dança sensual..... | 35 |
| 4.1.1 | O gênero no pole dance..... | 38 |
| 4.2 | Pole dance como esporte..... | 46 |
| 4.2.1 | O gênero no esporte..... | 62 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEBATE..... | 67 |
| | REFERÊNCIAS..... | 72 |
| | ANEXO A - Regras sobre figurino em campeonato de pole esportivo | 77 |
| | ANEXO B - Pole dance deve ser ensinado somente por educadores físicos? | 78 |
| | ANEXO C - Esportivo e sensual juntos..... | 79 |

1 INTRODUÇÃO

O que vem à mente quando falamos em pole dance? A atividade consiste em realizar movimentos em uma barra vertical de metal polido, que geralmente é feita de aço inox ou ferro. O pole dance vem ganhando adeptos no Brasil, na última década, sendo o Studio Grazy Brugner – *pole dance art fitness* o primeiro estúdio de dança especializado do Brasil, inaugurado em maio de 2008, na cidade de Curitiba (PR). A maneira como as pessoas enxergam esses movimentos, no entanto, variam, assim como os significados que atribuem à prática, ponto de partida para esta pesquisa. Conceituar o pole dance é tomar partido e se posicionar: para muitas praticantes, é um esporte, para outras, uma atividade de lazer ou ainda uma dança sensual¹.

O pole dance utiliza movimentos de forças contrárias e aderência da pele na barra para que a pessoa consiga subir e realizar movimentos aéreos. Para poses na barra, os movimentos dependem de entradas e travas: entrada é a sequência de movimentos realizados para se chegar à pose final (que geralmente dá nome ao movimento) e trava é a aderência de uma parte do corpo na barra, em determinada posição, para que o corpo fique seguro e não escorregue. Para isso, são necessários força física, equilíbrio, flexibilidade e técnica, pois é preciso saber como e para onde direcionar o corpo em relação à barra.

A motivação para realizar este trabalho surgiu do meu envolvimento com o pole dance. Em 2013, comecei a fazer aulas de pole dance em um estúdio de Porto Alegre e, desde então, frequentei cursos em diferentes estúdios e conheci muitas meninas e mulheres desse meio, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Nas redes sociais e em conversas informais, descobri que havia diferentes formas de pole dance e que circulavam comentários entre os grupos, como que conotando rixas, algumas vezes veladas e outras escancaradas. Cada uma das formas atribui significados diferentes ao pole dance.

¹ O pole dance é praticado, principalmente, por mulheres. Embora existam homens praticantes, os problemas da nossa pesquisa enfocam as mulheres e a relação do pole dance com o gênero feminino. Assim, optei por fazer um recorte e restringir minha pesquisa às mulheres praticantes de pole dance e às questões de gênero.

Não há um consenso entre as nomenclaturas das diferentes formas de pole dance, pois mudam entre os locais; porém, mundialmente, existe uma diferenciação entre: artística, esportiva e sensual. Na vertente artística, o enfoque está na dança, na expressão corporal, interpretação e performance. A vertente esportiva, também chamada de *pole fitness*, desenvolve qualidades físicas e trabalha o corpo com o objetivo de fortalecimento, flexibilidade, emagrecimento, aos moldes de uma atividade física desportiva. A sensual, também chamada de *exotic*, tem como característica a dança com enfoque na sedução, o uso de salto alto e os movimentos copiados do estilo das dançarinas de *striptease*. No esporte, há uma maior preocupação com a técnica, habilidade e desejo de vitória; já na arte, a preocupação principal é com a qualidade estética e expressividade.

Das três vertentes principais, o *Pole Art* se dedica a exploração do lado artístico da performance, muitas vezes tendo alguma história ou conceito expresso na coreografia, e incorpora elementos de jazz, ballet clássico e contemporâneo. Já no *Pole Fitness ou Sport*, busca se explorar o lado mais acrobático da modalidade, em que vale mais a performance em termos técnicos do que em termos artísticos, onde o figurino, a maquiagem, a presença de palco e a adequação da performance à música contam menos nos campeonatos que a pontuação em relação às acrobacias, combos, transições e quedas. Já o *Exotic Pole* busca explorar a sensualidade e costuma exigir o uso de salto em suas apresentações [...] Normalmente, em campeonatos de *pole fitness*, *pole art* ou *pole sport* é proibido qualquer movimento que remonte a algo sexual. Já na categoria *Exotic*, esse tipo de movimento não só é permitido como encorajado (GONÇALVES, 2017, p. 15).

Desde o início, me identifiquei com o pole dance sensual e me posicionei contra as outras formas, principalmente o pole esportivo. Porém, com o tempo, fiz amizades com mulheres que praticavam essas diferentes vertentes e me mostraram os seus pontos de vista, me levando a refletir sobre as suas práticas e a querer entender as disputas existentes.

O que me chamou a atenção, escutando as conversas das professoras e alunas de um estúdio de pole dance onde fiz aulas, foi a frequente necessidade de afirmar que pole dance não era coisa de *stripper* nem de garota de programa, como se isso fosse um estigma associado à prática. Na publicidade de alguns estúdios voltados para o pole esportivo, notei a preocupação em levar a prática para o lado da atividade física e

saúde, sem abordar a sensualidade. Interessei-me em pesquisar o que estava por trás desses discursos e de seus significados.

Acompanhando discussões em redes sociais e conversas durante aulas e festivais, notei que a dicotomia esporte *versus* dança sensual se apresentava como problemática e causadora de discórdia.

Alguns estúdios não escancaram ou tomam partido na disputa esporte *versus* sensualidade. Comumente, nas aulas de pole dance, são ensinados os movimentos de forma técnica, alguns podendo se transformar em sensuais, mas não necessariamente. A transformação dos movimentos em mais ou menos sensuais leva em consideração o estilo da instrutora e a preferência das alunas. Existem aulas específicas de pole dance sensual, de *floorwork* ou de técnicas para o uso de salto alto. Muitos estúdios ministram aulas exclusivamente voltadas para o pole esportivo ou pole *fitness* e, também, aulas exclusivas para o público infantil.

O debate entre as diferentes modalidades já levou, inclusive, a processos judiciais envolvendo a regularização da atividade e a questão acerca do pole dance poder ser ensinado somente por profissionais de Educação Física ou não.

Em setembro de 2017, o Supremo Tribunal de Justiça (STF) negou um recurso do Conselho Regional de Educação Física do Rio Grande do Sul (CREF/RS) e decidiu que a atividade de pole dance pode ser realizada por instrutores que não sejam profissionais de Educação Física. O CREF/RS argumentou que o pole dance, na forma esportiva ou *fitness*, seria uma atividade física que não deveria ser enquadrada no conceito de dança. Segundo a entidade, um dos objetivos do pole dance é o condicionamento físico, o que explicaria a necessidade de supervisão de profissional de Educação Física. As instâncias ordinárias concluíram que o pole dance se enquadra em dança e aplicaram a mesma norma que desobriga professores e mestres de danças, ioga e artes marciais a estarem inscritos nos Conselhos de Educação Física².

Entendendo que esse debate é vivo e importante na comunidade de praticantes de pole dance, decidi pesquisar as disputas existentes entre as diferentes formas de pole dance, em especial o esporte e a dança sensual, e como essas formas atribuem

² Fonte: Site Consultor Jurídico, 2017.

diferentes significados à prática, em espaços distintos. Levando em consideração que o pole dance é praticado por mulheres, em sua grande maioria, e que existe um imaginário social que enxerga a prática associada à sensualidade feminina, senti a necessidade de buscar leituras sobre gênero e teorias feministas.

Ao estudar as diversas vertentes do movimento feminista, percebi que o pole dance pode ser interpretado de muitas maneiras, sendo um tema ambíguo. Linhas mais radicais podem entender que o pole dance é uma prática que objetifica as mulheres, da maneira como a pornografia e a indústria do sexo fazem. Vertentes liberais podem associar o pole dance ao empoderamento feminino.

Penso que uma análise interessante pode ser fornecida pelas lentes das teorias feministas pós-estruturalistas e dos estudos de gênero, pois me parece que as problemáticas e disputas ligadas ao pole dance tem relação com o binarismo de gênero. Muitas das experiências de vida dos indivíduos dependem do seu sexo biológico, pois vivemos em uma sociedade estruturada por relações binárias de gênero.

O pós-estruturalismo utiliza o método de desconstrução para questionar os esquemas dicotômicos. Um dos problemas da oposição binária é que contrapõe dois termos (exemplo: masculino e feminino) ao mesmo tempo em que oculta ou minimiza as diferenças internas de cada lado.

A conceituação ou classificação do pole dance, mais do que um problema terminológico, evidencia as diferenças e disputas que precedem o estabelecimento de um campo de afirmação que será mobilizado nos estudos de gênero. Nesse momento, as diferenças internas, entre as formas de pole dance e entre os membros da comunidade, ainda são fortes para permitir uma evocação inequívoca da prática em nome de um significado mais ou menos reconhecível.

No presente trabalho, por se tratar de uma pesquisa exploratória e inicial sobre o tema, pretendo apresentar o debate, associá-lo à questão de gênero e agregar algumas reflexões.

2 DA VIDA PESSOAL PARA A VIDA ACADÊMICA

A aproximação com o meu objeto de pesquisa se deu inicialmente pela minha experiência pessoal e pelas redes sociais. Uma das grandes dificuldades das pesquisas antropológicas é estranhar o que nos é familiar e o seu oposto: tornar familiar o que nos é estranho.

Situando o meu lugar nessa investigação, atuei como pesquisadora e aluna de pole dance, realizando um exercício de flexibilidade e desconstrução ao encarar este trabalho. Desde o início, me identifiquei com o pole dance sensual e frequentei estúdios que também se identificavam com essa forma. Eu tinha muita resistência a identificar a prática como um esporte; inclusive, me posicionava contra o fato de crianças praticarem, pois eu via o pole dance como sinônimo de sensualidade, logo, inconcebível, do ponto de vista moral, que uma criança praticasse.

Antes de realizar uma pesquisa acadêmica sobre pole dance, algumas questões já me inquietavam. Além de me desagradar ver crianças praticando, algumas mulheres faziam questão de distinguir o “seu” pole dance de uma dança de boate, o que soava preconceituoso para mim. Havia muitas ambiguidades: lembro-me que uma professora de pole dance comentou que aplicava um questionário a suas alunas novas, em que uma das perguntas era: por que você escolheu praticar pole dance? Ela me contou que, algumas vezes, as alunas respondiam ao questionário afirmando que escolheram o pole dance por ser uma atividade física completa e, depois de um tempo e de uma certa intimidade com a professora, “confessavam” que, na verdade, queriam dançar para o namorado.

Uma das minhas inquietações sobre o tema foi a constante insistência de muitas colegas em afirmar que não eram “putas” só porque praticavam pole dance. Eu pensava: qual a grande diferença entre a menina que dança para o seu namorado no motel e a *stripper* que dança na casa noturna? A ação é, basicamente, a mesma; mas o espaço e o significado são diferentes.

A dicotomia do espaço público *versus* espaço privado me chamou a atenção por ir de encontro com uma divisão de gênero: a divisão histórica de domínios, sendo o da mulher, o mundo privado e o do homem, o mundo público.

Assim, ao tentar explicar os significados do pole dance hoje, percebi que a prática pode se encaixar em diversos espaços, ter definições distintas e, ainda, presumi que esses significados e espaços não são estanques, pois se cruzam e se confundem. O debate se complexificou ao agregar questões de gênero e tentativas de legitimidade social da prática.

O pole dance como atividade física, desvinculada à “dança de boate” ou dança típica de *strippers*, é uma prática recente e precisa de reconhecimento social para se legitimar. Existe uma preocupação na comunidade de praticantes de pole dance em desassociar-se da indústria do sexo, porém, existem discursos de legitimação distintos dentro dessa comunidade.

Dei-me conta que a disputa entre os significados do pole dance envolvia principalmente as formas: pole esportivo *versus* pole dance sensual; e decidi realizar esse recorte para minha pesquisa. Meu problema foi questionar a disputa entre o pole esportivo e o pole dance sensual e os significados atribuídos às práticas, em diferentes espaços.

Para nortear o debate, o ponto central do trabalho será expor a disputa entre pole esportivo e pole dance sensual, ramificando essa oposição e abrindo um leque de possibilidades, ambiguidades e cruzamentos dentro dessa dualidade. Pretendo apresentar como cada uma das formas constrói uma relação com a tentativa de legitimidade social e analisar os diferentes significados atribuídos ao pole dance, em espaços distintos.

Por exemplo, o pole esportivo enfatiza a saúde, a resistência e a força física, evitando abordar o contexto da sensualidade na prática em si; já o pole dance sensual enfatiza o empoderamento feminino e o jogo de sedução. Em contrapartida, o esporte reivindica o reconhecimento de uma modalidade feminina, enquanto o pole dance sensual atua politicamente na reconstrução do lugar social da sensualidade e do prazer. As aulas também diferem: no pole esportivo, o foco está nos exercícios de força e flexibilidade, enquanto no pole dance sensual, o foco está nas coreografias e nos giros.

A nomenclatura pole dance sensual e pole esportivo, que utilizo durante o trabalho, tem o objetivo de separar didaticamente as duas formas. A comunidade de pole dance costuma utilizar diversos termos, como *pole fitness*, *exotic* ou *sexy pole*.

Para entender essas disputas, levando em consideração que é uma atividade predominantemente feminina, utilizei como chaves para reflexão as ideias de gênero e de espaço público *versus* espaço privado, que serão especificadas ao longo do trabalho. Minha pretensão é apresentar essas disputas e relações e, com isso, ajudar a abrir um campo para o assunto, pois existem poucos trabalhos acadêmicos sobre pole dance no Brasil. Mesmo em âmbito mundial, o referencial teórico é recente, visto que o pole dance como atividade física começou na década de 1990.

Levando em consideração que o pole dance como objeto de estudo acadêmico é algo novo e pouco estudado, optei por fazer uma revisão de literatura e desenvolver uma pesquisa exploratória a partir de trabalhos acadêmicos já realizados, notícias na mídia e publicações sobre pole dance nas redes sociais. Dessa maneira, pretendo entender melhor as disputas entre as formas de pole dance, com suas tentativas de legitimidade social, e trazer novas contribuições ao mundo acadêmico.

As disputas e os trânsitos entre as formas incluem disputas de espaços: qual o local específico para uma prática esportiva? Uma academia, um centro de treinamento, um campeonato? O esporte tem o seu espaço próprio – público - e, como apresento no capítulo 4, os seus valores e as suas divisões e hierarquias por gênero. Ao se afirmar como esporte, o pole dance teve que se adequar a esse espaço. Veremos, no decorrer do trabalho, alguns exemplos de tentativas de legitimação, como o discurso e a publicidade.

Qual o local adequado para uma dança? Um estúdio de dança, um teatro? E se for uma dança sensual? Seria uma casa noturna? Ou um estúdio de dança privado, com aulas somente para mulheres? A publicidade dos estúdios de dança e as próprias praticantes afirmam que o pole dance empodera as mulheres, por trabalhar sensualidade e autoestima. Mas, muitas praticantes de pole dance insistem em desvincular a sua prática das dançarinas de casas noturnas, *strippers* ou prostitutas. Quais são as mulheres que o pole dance consegue empoderar? E quais os corpos que podem dançar sensualmente sem serem estigmatizados? Em que espaço?

Parece existir uma negociação entre respeito e estigma e alguns parâmetros para isso, que mudam de acordo com os grupos. Classe social e espaço são exemplos de critérios sociais para medir respeitabilidade. O esporte é um ambiente culturalmente

considerado como merecedor de respeito; uma escola de dança também, mas nem tanto. Muitas vezes, nos estúdios de pole dance que frequentei, presenciei mães ou maridos/namorados de alunas que foram visitar o local para checar, inclusive comentando que estavam preocupados com o que encontrariam e sentindo-se aliviados por não ser um ambiente ligado à prostituição.

O pole esportivo e o pole dance sensual não estão em oposição simples, nem engessada; existem várias oposições e disputas que se sobrepõem e, em todas, a questão de gênero está presente. As aulas de pole dance são atividades físicas e recreacionais tipicamente femininas, realizadas em um espaço comandado por mulheres e onde a presença de mulheres é predominante. Além disso, as disputas e os discursos sobre a legitimidade da prática mudam conforme o interlocutor.

Para ilustrar o debate e verificar o que a comunidade do pole dance comunica sobre essas disputas, realizei uma breve análise de conteúdo de imagens e textos divulgados na internet e em redes sociais (por páginas públicas relacionadas com pole dance) para analisar qual a mensagem que as publicações estão passando, baseada nas questões de pesquisa.

Como praticante de pole dance e usuária de redes sociais, já havia observado que existem publicações em que o foco é o pole esportivo e outras em que o foco está no empoderamento das mulheres por meio do pole dance sensual. Essas publicações exemplificam as disputas e as múltiplas interações que estou pesquisando.

A intenção da análise de conteúdo das publicações, imagens, reportagens e notícias é ilustrativa; dessa maneira, escolhi de forma aleatória alguns estúdios de pole dance brasileiros e comunidades sobre pole dance que possuem páginas patrocinadas³ no *facebook* e *instagram*, analisando publicações recentes, de 2017 e 2018. Para as reportagens e notícias, pesquisei no *Google* utilizando as palavras chaves “pole+dance+esporte” e “pole+dance+sensual”.

³ Páginas patrocinadas são páginas comerciais que optaram por se promover mediante pagamento, o que quer dizer que suas publicações aparecem no mural dos usuários das redes sociais que potencialmente possam se interessar pelo seu conteúdo, alcançando público-alvo estipulado pelos administradores da página.

Para analisar esse conteúdo, copiei e juntei todos os dados em um documento único e realizei anotações sobre as minhas impressões iniciais das imagens e manchetes. Meu foco foi investigar os discursos de legitimidade e as disputas de significados.

Verifiquei que uma das estratégias de legitimação dos estúdios de pole dance é divulgar os seus benefícios, de acordo com o posicionamento do estúdio: alguns ressaltam as vantagens relacionadas a aspectos físicos; outros evidenciam os benefícios psíquicos, como empoderamento, autoestima e confiança. O empoderamento, muitas vezes, aparece associado a fotos de mulheres praticando pole dance em poses sensuais.

Para desenvolver a pesquisa, realizei um levantamento bibliográfico, identifiquei o debate acadêmico atual sobre o tema e apresentei o meu recorte, utilizando teorias feministas pós-estruturalistas e estudos de gênero para uma análise crítica das disputas entre as formas de pole dance (esportiva e sensual) com suas ambiguidades e cruzamentos.

A perspectiva de autoras feministas, como Butler e Scott, fez com que o meu olhar atentasse para a problemática do binarismo de gênero e me fez refletir sobre os conceitos utilizados no trabalho. Corriqueiramente, se associa mulher a feminino e inclusive identificam-se ambas as palavras como sinônimas.

Já mencionei que a comunidade de praticantes de pole dance é, em sua grande maioria, formada por mulheres. Acrescento aqui que, na bibliografia encontrada sobre pole dance, quando se fala de mulher ou de feminino está se falando da mesma coisa: mulheres cisgênero⁴.

Também foi utilizado, como referencial teórico, ideias e conceitos de Bourdieu, principalmente de seus escritos sobre esporte, que considero pertinentes, como distinção e *habitus*.

Trabalhei com os conceitos de binarismo de gênero e performance de gênero, com o objetivo de compreender como a feminilidade está incorporada no pole dance,

⁴ Pessoas cisgênero são pessoas cujo gênero é o mesmo que foi designado em seu nascimento, isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero do indivíduo com o gênero associado ao seu sexo biológico e/ou designação social.

fazendo com que seja visto como uma atividade para mulheres. O binarismo de gênero e as diferenças entre masculino e feminino são essenciais para se entender as disputas de legitimidade no pole dance.

As noções de espaço público e espaço privado também foram importantes no recorte dado à pesquisa por conta da associação, historicamente construída, do espaço público como um local de homens e do espaço privado como um lugar de mulheres.

O pole dance está intrinsecamente relacionado com o gênero feminino e utilizar teorias feministas foi uma escolha decisiva para direcionar o olhar sobre o tema. O tratamento dado à pesquisa foi qualitativo.

Na revisão de literatura, analisei trabalhos acadêmicos de diversos países, o que me deu a noção que, em muitos lugares do mundo, a situação do pole dance é semelhante. Porém, o enfoque é a situação brasileira. Ao fornecer exemplos de outros lugares do mundo, quero corroborar que a disputa existe em âmbito mundial e que a situação do Brasil pode ser semelhante à dos outros países. Existe uma comunidade mundial de praticantes que dialoga por meio das redes sociais, então, é fácil saber o que está acontecendo em outros lugares, a partir das publicações de praticantes que são referência internacional.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Trabalhos acadêmicos já realizados sobre pole dance

Ao realizar o mapeamento do campo de estudo, verifiquei que, no Brasil, estudos sobre o pole dance ainda estão em fase exploratória, pois não existe uma produção relevante a respeito. Almejo contribuir para ampliar o conhecimento disponível sobre o assunto, entendendo a importância de analisar esse fenômeno social para compreender a sua amplitude e seus significados.

Após perceber a existência de diferentes formas dentro do universo do pole dance, em especial, o pole dance sensual e o pole esportivo, e as disputas entre os grupos, tive interesse em descobrir as suas origens e justificativas. Para isso, foi necessário pesquisar inicialmente sobre o pole dance em seus aspectos gerais. Encontrei dezenove trabalhos acadêmicos sobre o assunto no *Google Acadêmico*, que foram ponto de partida para a elaboração de meu tema e problema de pesquisa.

Realizei pesquisa bibliográfica em bases de dados *online*, como SCIELO, e nas páginas *Google Acadêmico* e *Google Books*, além de revistas e *sites* especializados. Em minha busca, localizei sete trabalhos acadêmicos sobre pole dance realizados no Brasil, nas áreas de Antropologia, Educação Física e Psicologia. Verifiquei que trataram, principalmente, sobre: construção de identidade social das praticantes e representações sociais sobre o pole dance (BROCHIER, 2013), autoestima e percepção de mulheres sobre seus corpos, após iniciarem a prática regular de pole dance (FERREIRA, 2015), motivos pelos quais as mulheres iniciam e permanecem em aulas regulares de pole dance (FERNANDES, 2012), processo de transformação do pole dance em esporte no Brasil e identidades de gênero relacionadas com a prática (SILVA, 2016), relação entre o pole dance e o feminismo (GONÇALVES, 2017).

A maior parte dos trabalhos acadêmicos é estrangeira e escrita em língua inglesa, realizada em universidades dos Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e Canadá. Os trabalhos internacionais que encontrei sobre pole dance são das áreas de Filosofia, Publicidade e Propaganda, Artes e Educação Física. Destaco os exemplos a seguir.

Dale (2013) analisou como o pole dance, em questão de décadas, saiu das casas noturnas de *striptease* para se tornar um fenômeno global, tanto como um esporte competitivo quanto como uma arte performática. Seu estudo de caso foi feito no Japão, onde analisou o pole dance como performance, com enfoque na teoria *queer*. O autor também pesquisou os limites entre a objetificação da mulher que dança e o seu empoderamento, além do conflito entre a tentativa, presente na própria comunidade de pole dance, de subestimar a origem vinda das *strippers* e, ao mesmo tempo, se apropriar de elementos dessa subcultura.

Gómez-Ramírez (2007) realizou pesquisa de campo em estúdios de pole dance e escreveu sobre a tensão existente entre *exotic pole* e *pole fitness* e como as praticantes lidam com o estigma relacionado à origem erótica. Allen (2011) abordou a questão do empoderamento feminino e como as praticantes gerenciam as impressões externas sobre pole dance. Cadwallader (2017) trouxe a problemática dos diferentes espaços onde se realiza o pole dance e suas distintas audiências, questionando as implicações de transformar o pole dance em uma dança moderna e desconectada da forma realizada em casas noturnas de *striptease*. Também refletiu sobre como uma coreografia pode se modificar para diferentes audiências em diferentes locais, como, por exemplo, teatros, academias ou casas noturnas.

Por meio dessas leituras iniciais, verifiquei que dois temas constantes são: a associação da prática com a sensualidade feminina e as consequências que isso carrega, tanto positivas quanto negativas, e a apresentação do conflito entre objetificação e empoderamento da mulher praticante de pole dance. A transformação do pole dance, de prática restrita a casas noturnas para atividade esportiva ou recreativa, também foi foco de algumas análises.

Destaco a diferença entre sensualidade e sexualidade, pois notei que, em alguns trabalhos, os termos foram utilizados como sinônimos. Considero que sexualidade é um conceito mais amplo que abarcaria outras problemáticas e debates. A sexualidade faz alusão à atração sexual e ao conjunto de fenômenos emocionais e comportamentais relacionados com o ato sexual, sendo distribuída em três aspectos principais que se inter-relacionam entre si: biológico, psicológico e social. A sensualidade é sensorial e tem como objetivo chamar atenção para si de modo atraente, envolvendo atos, gestos e

modos de se comportar voltados para a intenção de despertar e impulsionar desejo sexual. A sensualidade inclui a sedução, que compreende o conjunto de técnicas e habilidades para encantar ou fascinar alguém a desejar algo.

3.2 Origens do pole dance: uma disputa de significados

De acordo com a página da *International Pole Dance Fitness Association*⁵, existem diversas atividades que deram origem ao pole dance, como é visto hoje. Para a associação, a história remete às dançarinas burlescas da década de 1920 e às dançarinas de *striptease* de casas noturnas da década de 1960, que ganharam popularidade na década de 1980. A página ressalta que exercícios e acrobacias em mastros já existiam nas culturas chinesa e indiana e eram praticados, majoritariamente, por homens. O mastro chinês tem sua origem no século XII e é uma modalidade circense em que artistas escalam um mastro vertical, que mede de 3 a 9 metros, e realizam acrobacias, quedas e demonstrações de força e flexibilidade (figura 1). O *mallakhamb* é uma tradição indiana em que homens sobem em um mastro de madeira (figura 2). Ainda hoje, existem competições de *mallakhamb* em muitos locais na Índia.

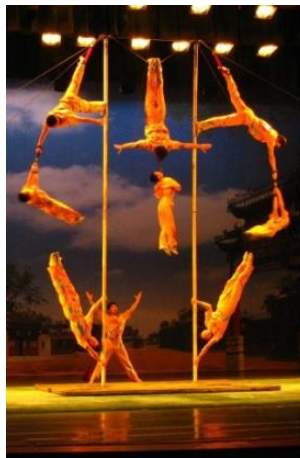


Figura 1 – Mastro chinês
Fonte: Wikipedia



Figura 2 - Mallakhamb
Fonte: Edubilla.com

⁵ Site IPDFA.

Nas últimas décadas, o pole dance deixou de ser uma atividade restrita a casas noturnas, feita por *strippers* e garotas de programa, para virar uma atividade física, inserida no mercado *fitness* como uma alternativa de exercício, para quem não gosta de academia ou de musculação, por exemplo.

O ensino de pole dance aberto ao público, ou seja, fora do meio das *strippers* profissionais, foi realizado por Fawnia Dietrich na década de 1990. Fawnia havia trabalhado como *stripper* e, em 1994, abriu seu estúdio de pole dance no Canadá. Outras dançarinas seguiram o seu exemplo e o pole dance rapidamente ganhou popularidade como uma tendência *fitness*.

Segundo Dale (2013), o gatilho para a expansão do pole dance foi a divulgação da prática por estrelas de Hollywood como Madonna, Angelina Jolie e Kate Moss, em torno de 2004, que causou grande interesse à mídia, com manchetes de programas de televisão e revistas femininas. A partir daí, o pole dance tornou-se a última mania do mercado *fitness*, e a demanda repentina resultou em uma explosão no número de estúdios abertos por ex-dançarinas de *striptease*.

Ao pesquisar sobre as histórias relativas às origens do pole dance, na internet, encontrei páginas que enfocam a dança das *strippers* e outras que enfocam a origem circense e o *mallakhamb*. Penso que a descrição das origens da prática pode ser ideológica: o mastro chinês e o *mallakhamb* são atividades praticadas, majoritariamente, por homens e não tem nenhuma conexão com erotismo ou sensualidade, sendo uma origem livre do estigma social das *strippers* e que ajudaria a legitimar a prática com uma história masculina e dominante.

Um vídeo⁶ sobre a origem do pole dance circulou nas redes sociais e foi alvo de muitas críticas. Intitulado '*Pole Dancing was originally for men*' (o pole dance, originalmente, era masculino), o vídeo reforça que a origem da prática foi o mastro chinês e o *mallakhamb* indiano, desassociando-a das danças burlescas e das *strippers* e ligando a sua origem a um passado esportivo e masculino.

⁶ Fonte: Timeline News. <https://www.facebook.com/timelinenews/videos/1555911307765661/>

O *site Pole Parlour*⁷ foi um dos que criticou essa construção, anunciando em sua página que é enganoso dizer que o pole dance nasceu do mastro chinês e do *mallakhamb* indiano, somente porque essas atividades se utilizam de uma barra vertical, já que seus propósitos são diferentes. Segundo o *site*, os pioneiros da indústria do pole dance contemporâneo são os shows de *striptease*.

A origem e história da prática é uma questão controversa na comunidade de praticantes de pole dance. Não existe uma resposta certa, a escolha do seu “mito de origem” faz parte de uma disputa, pois pode associá-lo tanto ao erotismo quanto ao esporte.

3.3 TEORIA FEMINISTA

Frequentemente, o movimento feminista é classificado em três períodos ou ondas. A primeira onda corresponde ao período que vai desde meados do século XIX, quando a luta pelos direitos humanos se tornou mais expressiva, até o início do século XX, com o movimento das sufragistas, que defendiam o direito ao voto feminino. A segunda onda teve início com a publicação de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949. A obra gerou uma série de reflexões sobre a “essência feminina” das mulheres. Segundo a autora, os diferenciais do corpo e do funcionamento biológico das mulheres foram usados historicamente para justificar a sua inferioridade. A sociedade, pautada pelos ideais dos homens, construiu a identidade da mulher unicamente a partir do seu corpo e do imaginário que este evoca. Com isso, a mulher esteve presa aos limites da representação do seu corpo e do seu gênero, demarcados pelo homem. Uma de suas grandes contribuições da obra foi conceituar e diferenciar sexo biológico e gênero, o que, mais tarde, foi desconstruído com a teoria *queer* e os estudos de gênero.

A terceira onda apresenta uma pauta de reivindicações mais ampla do que a da segunda, uma vez que engloba a teoria *queer*, a conscientização negra, o pós-

⁷ Fonte: Site Pole Palour

colonialismo e a teoria crítica, entre outros. Aponta como aspecto relevante a autoestima sexual, uma vez que a sexualidade é também uma forma de poder.

3.3.1 O gênero é uma performance

Historicamente, observamos que os papéis sociais de homens e mulheres se deram a partir da visão da biologia dos corpos, delimitando possíveis atitudes e comportamentos esperados de acordo com o sexo biológico expresso no indivíduo ao nascer. Assim, delimitamos papéis sociais através de um sistema binário, que estereotipa a masculinidade e feminilidade hegemônicas e tem como base a anatomia humana (SCOTT, 1995).

Em cada cultura, existem representações e pressupostos para distinguir o que é masculino e feminino. Apesar das teorias que hoje questionam o binarismo de gênero, como a teoria *queer*, a sociedade ocidental ainda está moldada e adaptada a classificar pessoas como sendo homens ou mulheres, que, supostamente, devem se conectar ao gênero masculino ou feminino, respectivamente.

O conceito de gênero como uma categoria central para as teorias feministas foi desenvolvido nos anos 1970. Nesse contexto, o conceito trouxe uma crítica à normatividade feminina edificada sobre a noção de sexo biológico (BEDIA, 2005).

Em 1991 surgiu o termo *teoria queer*. Essa teoria abarca um conjunto de reflexões que foca nas problemáticas sobre sexualidade e gênero. A sua principal premissa é: as regulações sexuais e de gênero foram socialmente impostas e ajudam a manter a desigualdade e o poder de alguns; a heterossexualidade compulsória garante, aos que seguem a norma, uma série de privilégios – políticos, culturais, econômicos. A sexualidade é um assunto de âmbito privado dos sujeitos, daí se afirma que o pessoal também pode ser político. Uma das influências para a teoria *queer* foi a obra *História da Sexualidade* de Michel Foucault (MISKOLCI, 2014).

A teoria *queer* questiona o heterossexismo (heterossexualidade tomada como um dado e pressuposta nas relações sociais), a matriz heterossexual (expectativa social de que os sujeitos terão uma coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais) e os aspectos normalizadores da vida social, tidos como

“naturais” de acordo com o sexo biológico. Para a teoria *queer*, a heterossexualidade não é natural, mas um produto cultural e político, e a sexualidade é um eixo central nas relações de poder de nossa sociedade (MISKOLCI, 2014).

De acordo com Louro (1998), no modelo patriarcal em que vivemos, homens e mulheres são vistos como fundamentalmente opostos. Assim, características como: dominação do espaço público, força, razão, virilidade e superioridade são atribuídas ao gênero masculino, enquanto outras como: dominação do espaço privado, fragilidade, sentimentos, submissão e inferioridade são atribuídas ao gênero feminino. Com isso, se construiu uma distinção entre as identidades femininas e masculinas hegemônicas, nos âmbitos individual e social, formada a partir dos moldes culturais em que cada gênero está inserido. A binaridade de gênero (homem-masculino, mulher-feminino) também está ligada a heteronormatividade.

Os estudos de gênero pretendem desconstruir o conflito de gênero no qual feminino e masculino são vistos como opostos e, com isso, observar o gênero como um espectro no qual as fronteiras entre os grupos, delimitados a partir dos gêneros binários, sejam transponíveis. Para os seus teóricos, o gênero não deve se prender ao que foi imposto histórica e socialmente; também não deve haver retaliações a quem não se encaixa no padrão do binarismo de gênero (LOURO, 1998).

O estereótipo de gênero relaciona traços de personalidade com o gênero do indivíduo, assim, por exemplo, a agressividade, a força, autoconfiança, racionalidade são considerados, na nossa sociedade ocidental, como tipicamente masculinos, enquanto traços culturalmente caracterizados como femininos seriam emoção, sensibilidade, carinho, companheirismo. Os estereótipos surgem dessa associação de ideias (homem-masculino, mulher-feminino) e resultam em julgamentos e preconceitos contra tudo o que não se encaixa nesse binarismo.

Scott (1995) estudou os sentidos e usos da palavra gênero, ressaltando que as feministas começaram a utilizar o termo para se referir à organização social da relação entre os sexos. Os gêneros e suas relações foram interpretados de muitas formas e com referenciais distintos: marxistas, psicanalíticos, lacanianos, foucaltianos e pós-estruturalistas, entre outros.

A autora apresenta constatações que quebram com a ideia de que comportamentos, atitudes e personalidade estão ligados ao sexo biológico de forma inata e utiliza o conceito de gênero como uma categoria de análise para compreender as relações e disputas de poder entre homens e mulheres. A autora contribuiu para o feminismo com seus estudos sobre gênero, de uma perspectiva pós-estruturalista:

Nós só podemos escrever a história desse processo [de emergência do feminismo] se reconhecermos que 'homem' e 'mulher' são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas (Scott, 1995, p. 93).

Os estudos de gênero pós-estruturalistas criticam as representações hegemônicas dos gêneros masculino e feminino, construídas e corroboradas ao longo do tempo. Estas representações foram naturalizadas e tem a intenção de parecer universais.

Para as teorias feministas pós-estruturalistas, o gênero é um princípio de ordem e revela a existência de uma relação de poder e desigualdade. O sistema gênero-sexo binário está alicerçado no princípio natural da anatomia sexual. O gênero está ligado ao sexo, sendo a sua dimensão social, comportamental e política. Historicamente, as normativas ligadas ao feminino falam de família, maternidade e espaço doméstico (BEDIA, 2005).

Para Butler (2013), todos os corpos são construídos culturalmente e os binômios homem-masculino e mulher-feminino se produzem performativamente. Não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, pois essa identidade se constrói pelas mesmas expressões que, aparentemente, são resultado dela. Butler critica a noção de corpo como biológico e natural, dessa maneira, pré-discursivo e pré-cultural.

Segundo a autora, os próprios atos e gestos são uma espécie de estilização do corpo e ajudam a criar o efeito de que a feminilidade tem uma existência real, como algo natural e intrínseco da mulher. São os atos que criam o gênero, sendo este uma construção que reiteradamente disfarça a sua origem por meio da repetição de discursos e práticas, criando ficções culturais, como a figura da “mulher real”.

Nessa perspectiva, o gênero é uma performance. Ao contrário das ideias que associam gênero e sexo e os naturalizam, Butler (2013) afirma que o gênero não é expressão de uma essência interior do que somos, e sim é a estilização repetida, no corpo, de um conjunto de atos ritualizado, de acordo com as normas sociais e culturais.

Para Butler (2013), os corpos sexuados e suas indumentárias só fazem sentido pelas performances de gênero normatizadas pela cultura. O gênero é o resultado de um processo de socialização pela qual os indivíduos interiorizam significados e também os renovam de maneira ativa. As vestimentas utilizadas, por exemplo, performam um determinado gênero; isso é cultural e pode ser cambiante.

No caso das teorias feministas, os conceitos também servem como crítica social: refletir sobre a questão de gênero tem como um dos objetivos dar visibilidade à estrutura de dominação patriarcal, pois naturalizar o gênero justifica as suas distinções e hierarquias.

3.3.2 O pessoal é político: a desconstrução dos espaços

Historicamente, a dicotomia público/privado separou homens e mulheres em espaços específicos, sendo o lugar da mulher (devido a suas características femininas “naturais”) como o espaço da maternidade, doméstico, lar, a casa, o cotidiano e o lugar do homem (devido a suas características masculinas “naturais”), o mundo público e político. Assim, homens e mulheres foram demarcados pelos espaços que ocupam em ações específicas, delimitadas pelo seu sexo.

O *slogan* “O pessoal é político” foi pensado durante a segunda onda do movimento feminista, nas décadas de 1960-1970. A escritora feminista Carol Hanisch popularizou o termo em 1969, ao publicar um artigo com esse título. Denuncia a naturalização da ideia de espaço doméstico como sendo da mulher, assim como a ideia da passividade como sendo uma característica inata da mulher.

A ideia vigente era de separação e independência entre as esferas da vida pública e privada, tanto que assuntos políticos eram discutidos de forma isolada do privado ou pessoal. O movimento feminista se debruçou na análise das conexões entre

os papéis domésticos das mulheres e a desigualdade e segregação a que estão submetidas:

As teóricas feministas, focando o gênero e argumentando que poder e práticas políticas e econômicas são estreitamente relacionadas às estruturas e práticas da esfera doméstica, expuseram o quanto a dicotomia entre público e doméstico, também reificada e exagerada pela teoria liberal, serve igualmente a funções ideológicas (OKIN, 2008, p. 312).

Ao afirmar que “o pessoal é político”, o feminismo traz para o espaço da discussão política questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público *versus* privado, base de todo o pensamento liberal, sobre as especificidades da política e do poder político. O movimento ressignificou o poder político e a forma de se entender a política ao dar um novo sentido ao privado e doméstico (MESQUITA; ARAS, 2012).

O espaço privado simboliza a pureza, o recato, a fidelidade e a domesticidade, além de implicar na exclusão da mulher das atividades públicas e políticas, identificadas como masculinas. Além disso, a ideia da passividade da mulher indica que a sexualidade não deve ser vivenciada como busca do prazer. Assim, a estrutura patriarcal organizou formas de vivência da sexualidade a partir de critérios diferenciados para o homem e para a mulher. O desejo sexual fora da moral convencional constitui uma transgressão grave para a mulher (NOVELINO, 1998).

Nessa segunda onda feminista, as vivências domésticas, privadas e subjetivas, como relações familiares, sexualidade, maternidade, casamento e trabalho doméstico, passam a ter importância para a análise das questões de poder e desigualdades entre homens e mulheres:

O que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica de poder, que tem tipicamente sido vista como a face distintiva do político. E ... nem o domínio da vida doméstica, pessoal, nem aquele da vida não-doméstica, econômica e política, podem ser interpretados isolados um do outro (OKIN, 2008, p. 314).

No Brasil, a partir dos anos 1980, questões que eram associadas à vida privada, como sexualidade, subjetividade e família, ganharam visibilidade no debate acadêmico e no discurso feminista.

Whitehead e Kurz (2009) escrevem sobre a questão da diferença de espaço no âmbito do pole dance: a prática do pole dance dentro de um contexto de uma casa noturna de *striptease* ou um bordel pode ser considerada como uma dança erótica, que se destina a despertar o interesse sexual do público, em sua grande maioria, formado por homens. Mas, quando removida desse contexto, a prática pode tomar outras formas; principalmente, se retirado o olhar masculino, pois muitos estúdios de pole dance não permitem a participação de homens em suas aulas.

Os autores expõem o argumento de que o pole dance, tradicionalmente, posiciona o corpo feminino como um objeto sexual para ser visto e consumido por homens; mas, no espaço privado de uma aula de pole dance não existe esse apelo.

3.3.3 Empoderamento ou objetificação da mulher?

Verifiquei que, nos últimos 10 anos, existe um debate acadêmico sobre a questão da objetificação *versus* empoderamento da mulher que pratica pole dance. Essa questão também é bastante abordada em trabalhos acadêmicos que tratam da sexualização da imagem da mulher, principalmente na mídia e na publicidade, o que me leva a crer que é um tema importante na esfera do feminismo.

Whitehead e Kurz (2009) pesquisaram a questão do empoderamento *versus* objetificação da mulher no pole dance, apontando que o material promocional de estúdios de pole dance australianos inclui slogans como “força e feminilidade”, “empoderamento e beleza”, “*Sex appeal* vem de dentro”. Os autores concluem que o pole dance pode ser um meio de empoderamento individual e uma maneira das mulheres resistirem às noções hegemônicas de feminilidade, como passividade, discrição e modéstia. Porém, ressaltam que, da maneira como pode ser considerado libertador a um nível individual, também pode propiciar a manutenção de uma opressão masculina, ao encorajar as mulheres a se tornarem sensuais para o olhar do homem.

Para muitas feministas, existe um dilema ideológico entre liberdade individual e opressão social: em que medida a libertação experimentada em um nível individual pode manter a opressão, de maneira dissimulada, e reforçar as práticas públicas que sustentam a subordinação feminina? A prática do pole dance se insere nesse dilema.

A popularidade do pole dance e o argumento de que a prática reivindica, para si, a qualidade de empoderar as mulheres é criticada por Levy (2005). A autora cunhou o termo *raunch culture* para definir a atual cultura popular ocidental, principalmente norte-americana, em que existe uma crescente sexualização dos corpos e onde mulheres são objetificadas, objetificam umas às outras e são encorajadas a objetificar a si mesmas.

Na *raunch culture*, as imagens das mulheres na publicidade e na cultura popular enfatizam a sensualidade e erotização de seus corpos e muitas mulheres, principalmente jovens, passam a enxergar essa imagem como uma identidade de gênero positiva e desejada. Levy (2005) afirma que o pole dance se enquadra na *raunch culture* e oferece um falso senso de empoderamento, alegando que é um equívoco relacionar a indústria do sexo e a objetificação sexual de mulheres com a noção de empoderamento.

Segundo essa crítica, praticar o pole dance de maneira sensual, resgatando a estética das *strippers*, significaria *glamourizar* a objetificação das mulheres, deixando de lado a problemática da exploração sexual e da violência contra as mulheres. Esse ponto de vista justifica o pole dance ser considerado como uma prática que objetifica as mulheres.

Muitas feministas rejeitam esses argumentos, salientando que atualmente a mulher não está mais preocupada com a aprovação dos homens, e sim em agradar a si mesma e em buscar atividades prazerosas para si, pois entende que é livre e independente. Dessa maneira, o pole dance é praticado pelos benefícios que traz para si e para as outras mulheres, não para os homens, e pode ser visto como uma crítica aos códigos patriarcais de moralidade e estética. O corpo da mulher se torna a base de empoderamento e autenticidade feminina.

Dentro da comunidade de pole dance, existem grupos que questionam o estigma atribuído ao pole dance e os valores morais que criaram esse estigma, fazendo questão de ostentar o pole dance como prática sensual e militando para desconstruir o preconceito.

Usando minha experiência pessoal, vejo que a realidade é ambígua e uma linha tênue separa as ações e intenções. Em conversas com colegas de pole dance, notei que muitas mulheres conciliam ideias divergentes: existe a vontade de militar contra os

padrões de beleza ditados pela sociedade e contra as construções masculinas sobre sensualidade feminina, assim como existe o prazer de sentir-se poderosa porque desejada pelo olhar dos homens, ou seja, uma autoestima conquistada por estar em conformidade com os padrões.

4 POLE DANCE

Vimos que o pole dance é praticado, majoritariamente, por mulheres e sua performance está associada ao gênero feminino. O conceito de gênero está ligado às ideias de sexo e identidade; e o corpo está relacionado com todas essas noções. A partir do conceito de performance de gênero, Andreoli (2010) analisa a dança:

como uma de muitas práticas socialmente instituídas através das quais os corpos dos indivíduos são ‘marcados’ por gênero, ou seja, os usos do corpo, dentro dos mais diversos estilos de dança, podem ser analisados como mecanismos de normatização, de aplicação das normas de gênero, que investem na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos (ANDREOLI, 2010, p. 111).

Ao procurar referências sobre pole dance na internet, notei que a prática é protagonizada por mulheres e, geralmente, aparece associada ao feminino. Os poucos homens que apareciam, em reportagens e publicações, praticavam pole esportivo. A manchete abaixo é ilustrativa:

globoesporte.globo.com/eu-atleta/treinos/noticia/democratico-atleta-faz-bonito-e-mostra-que-pole-dance-tambem

Democrático: atleta faz bonito e mostra que pole dance também é coisa de homem

Campeão no Arnold Festival, jovem do Piauí se apresenta em busca de respeito para a modalidade que traz diversos benefícios para o corpo e a mente



Por Renata Domingos, São Paulo
25/06/2018 10:22 - Atualizado 25/06/2018 10:25

Quando se pensa em pole dance, a imagem que logo vem à mente é a de mulheres fazendo piruetas usando um poste - ou barra vertical - como apoio. Mas o que muita gente não sabe é que a modalidade, ainda recente no Brasil, vem ganhando cada vez mais espaço também entre os homens. As apresentações deles não precisam, necessariamente, ter a mesma pegada sensual. É possível fazer um pole dance mais voltado para força do que flexibilidade. E as roupas usadas

Figura 3 - Pole dance democrático
Fonte: Globo Esporte

Ao caracterizar o pole dance como “democrático”, a manchete da figura 3 quer dizer que a sua prática pode se dar de forma igualitária, para homens e mulheres.

Nitidamente, a forma em questão é a esportiva; e o homem foi chamado de atleta, não dançarino. Ressalto que a pose escolhida para a foto requer uma força física muito intensa, normalmente associada ao gênero masculino.

Na página *online* do jornal Estadão de São Paulo, encontrei duas notícias sobre pole dance, que expõem a diferença no tratamento de gênero:



Figura 4 - Pole dance atrai homens
Fonte: O Estado de São Paulo



Figura 5 - Pole dance como empoderamento
Fonte: O Estado de São Paulo

Ao mencionar homens fazendo pole dance, a manchete da figura 4 classifica o pole dance como esporte e ressalta que a motivação dos homens para procurar essa prática é a busca por exercício físico e definição muscular. Já ao tratar o pole dance como sensual, a reportagem da figura 5 mostra três mulheres e menciona empoderamento e “dança acrobática de boates”.

Ao pesquisar no *Google* as palavras chaves “pole dance+sensual+homens”, o primeiro resultado que apareceu foi uma página chamada *manual do homem moderno* em que a manchete é: por que você deve matricular a sua mulher numa escola de pole dance. O *link*⁸ trata do pole dance e da sensualidade feminina como um benefício para os homens. Dentre os outros resultados, encontrei os seguintes:

⁸ <https://manualdohomemmoderno.com.br/mulheres/porque-voce-deve-matricular-sua-mulher-numa-escola-de-pole-dance>



Figura 6 - Pole dance masculino
Fonte: Universo AA



Figura 7 - Homens e o preconceito
Fonte: UOL

Na notícia da Figura 6, existe uma sobreposição entre esporte e sensual, ao abordar que “garotos colocam sua sensualidade à prova”. Na notícia da figura 7, me parece que há uma oposição entre sensual e esportivo, feminino e masculino, ao mencionar que o pole dance “embora seja ainda tratado por muitos como uma dança sensual feminina...” e que os homens participam de campeonatos esportivos. A notícia conta que os homens sofrem preconceito pelo fato do pole dance estar associado à dança de *strippers* e que as aulas para homens são diferentes das aulas para mulheres, pois os movimentos ensinados exigem maior força física e não costumam ser sensuais.

No pole dance sensual, geralmente, o corpo performa o gênero feminino enquanto dança, independente do sexo e da identidade de gênero de quem está dançando. As imagens e os discursos mostrados contêm escolhas estéticas e políticas que naturalizam a construção da mulher como delicada, sensual e graciosa, além de limitar mulheres (e homens) no espaço da prática do pole dance. Estas escolhas, muitas vezes, são conscientes e, outras vezes, são incorporadas e naturalizadas sem muita reflexão. Encontrei afirmações de uma sensualidade ligada a elementos convencionais e também oposições ao sensual como vulgar.

Existem homens que dançam de forma sensual e feminina, utilizando sapatos de salto alto e roupas que, por padrão, seriam adequadas às mulheres, como *shorts* e *tops*. Silva (2016) chama a atenção para o fato de vestimentas e acessórios das praticantes de pole dance desempenharem um papel de definidores de sensualidade,

em especial, o sapato de salto alto, ressaltando que nos campeonatos brasileiros de pole esportivo não é permitido o uso de salto alto nem de roupas decotadas.

Os campeonatos de pole esportivo possuem regras de figurino, não permitindo roupas decotadas ou que mostrem o corpo. As vestimentas devem cobrir totalmente os glúteos e os seios das mulheres e, em alguns campeonatos, a atleta que não seguir o regulamento é punida com desclassificação (anexo A). A apresentação de uma mulher “pura”, não sensual, desprovida de elementos que conotam sedução, deixa subentendido que a sensualidade está inevitavelmente presente na exposição do corpo, o que, novamente, é ambíguo. Também não é permitido que as atletas tirem peças de roupas durante a sua apresentação. Essas exigências parecem retirar elementos relacionados com a sensualidade e com o *striptease*. Segundo Silva (2016):

mais uma vez penso se essas roupas aqui estão somente simbolizando uma hierarquia já existente, ou se estão também ajudando a construí-la. A roupa e acessórios tem a capacidade de transformar uma ‘atleta’ em uma ‘mulher sensual’. A compra do salto está sempre relacionada a um investimento na sensualidade. O salto modifica – me arriscaria a dizer – uma identidade de gênero. Então, essas roupas seriam atuantes nesse espaço, pois estão agindo e influenciando nas relações sociais nesse espaço (SILVA, 2016, p. 72).

As diferenças entre as formas de pole dance envolvem identidade e performance de gênero, pois, no pole esportivo, os movimentos tendem a ser executados de forma acrobática, semelhante a uma sequência de ginástica olímpica, por exemplo. Mesmo que haja uma coreografia acompanhada por música, a sequência de movimentos, giros e poses não deve ter malemolência, gingado ou rebolado. O objetivo é demonstrar o virtuosismo do corpo, sua força, equilíbrio e flexibilidade.

4.1. Pole dance como dança sensual

Qualquer sequência de movimentos executada na barra de pole dance pode se transformar em uma série semelhante à de uma ginástica, em uma performance artística ou em uma dança sensual. A diferença se dá na expressividade, na forma de executar os movimentos, na música escolhida para realizar a coreografia, no figurino e nos acessórios utilizados.

O pole dance praticado como uma dança que possui movimentos considerados sensuais é comum em apresentações (em festivais ou em casas noturnas) e também é ensinado em aulas. Esses movimentos são ensinados junto com outros, nas aulas regulares de pole dance, ou separados, em aulas especiais que enfocam a sensualidade. Existem elementos específicos que, sobrepostos na dança, incorporam sensualidade nos movimentos, como gingados, rebolados, *body wave*⁹ e *floorwork*.

Floorwork é o nome dado aos movimentos realizados no chão, que complementam a coreografia realizada na barra e permitem a transição entre a dança em pé e a dança realizada no nível do chão. É considerada uma forma de adicionar sensualidade à dança, assim como uma maneira de realizar um descanso entre as acrobacias áreas que exigem mais força e resistência física.



Figura 8 – Floorwork
Fonte: Pole Dancing Adventures

A figura 8 mostra um exemplo de pose de *floorwork*, com um lembrete: “não esqueça de dar uma pausa e sair do pole, de vez em quando, para ficar sexy com o seu *floorwork*” (tradução minha).

Alguns gestos, trejeitos e estilos evocam o imaginário erótico, como: movimentos que remetem à performance sexual, balanço no cabelo, gestos e olhares insinuantes, mãos que marcam a cintura e indicam aonde o foco do olhar deve ir, movimento de

⁹ *Body wave* é um movimento de ondulação do corpo, geralmente realizado em pé e de frente para a barra. O corpo vai se aproximar e se afastar da barra, iniciando o movimento pela cabeça e seguindo com o peito, barriga e pélvis. Existem variações do movimento, que pode também ser feito em cima da barra ou no chão.

quadril, postura erguida, peito aberto, roupas decotadas, maquiagem e sandálias de salto alto.

Nas aulas de pole dance, muitas vezes, notei que as alunas usam um vocabulário específico para elementos que marcam a sensualidade. Assim, “fazer carão” é fazer uma expressão facial séria e sexy, “bater cabelo” é mexer o cabelo de uma maneira rápida e ousada, sincronizada com algum movimento corporal, “sensualizar” é rebolar, agachar ou mexer o quadril. As sandálias de salto alto são apelidadas de *pleaser*, que, na realidade, é o nome da marca de uma fabricante de sapatos (figura 9).



Figura 9 – Pleaser
Fonte: Facebook

A figura 9, retirada de uma página que vende produtos para pole dance, associa o uso da *pleaser* com a sensação de poder.

Ao assistir vídeos de apresentações de pole dance, pode-se notar que muitos movimentos são realizados de maneira semelhante, em todo o mundo, pois são classificados e nomeados internacionalmente. Da mesma maneira, os trejeitos, ditos sensuais, do pole dance e do *floorwork* são padronizados e, muitas vezes, copiados das dançarinas mais famosas do meio e das coreografias clássicas de *striptease*.

O pole dance que enfatiza a sensualidade é também chamado de *exotic* e, quando uma dança extrapola os limites do sensual para se tornar erótica, com movimentos que tenham apelo ou conotação sexual explícita, também é chamada de

“dirty” (suja); assim algumas apresentações são apelidadas de *dirty sexy pole dance* ou *dirty floorwork*.

4.1.1 O gênero no pole dance

Existe uma expectativa social sobre o que é ser feminina e um imaginário de sedução e sensualidade que não são estáveis nem iguais em todos os tempos e lugares. O pole dance se apropria de elementos do imaginário ocidental sobre sensualidade feminina, incentivado pela indústria do sexo e pela *raunch culture*. Podemos considerar que o resultado é a construção de uma performance de gênero no pole dance.

Vimos que muitos recursos podem ser utilizados para incrementar a sensualidade e feminilidade na dança, como trejeitos, vestimentas, expressões faciais, adereços, maneiras de soltar e mexer o cabelo. Esses recursos podem ser considerados instrumentos da construção de uma sensualidade socialmente padronizada e ligada ao gênero feminino.

Sendo artifícios que podem ser aprendidos e executados independente do sexo biológico, é possível pensar em uma performance de gênero que, inclusive, pode ser simulada. Butler (2013) usa a expressão “paródia” para se referir às performances que questionam a existência de um gênero original, revelando o esforço com que o gênero é construído por meio de práticas. Sua premissa coloca em dúvida a existência de características “originais” de cada gênero, já que podem ser socialmente fabricadas, atribuídas e ensinadas.

A performance sensual do pole dance segue uma matriz heteronormativa e de binarismo de gênero. Ao buscar vídeos de apresentações, grande parte mostrará mulheres magras, jovens e bonitas – estereótipo atual de atratividade feminina. Porém, nas aulas de pole dance, é possível encontrar mulheres de várias idades e com diferentes tipos de corpos, fora do padrão de atratividade. Durante os meus 5 anos de prática de pole dance, conheci mulheres com formatos corporais variados: altas, baixas, magras, gordas, com deficiências. A faixa etária das praticantes também muda bastante. A quebra de padrões mais usual, retratada por muitas praticantes como uma

forma de empoderamento, é a participação de mulheres cujos corpos fogem do padrão de beleza dominante. Muitas mulheres, que tinham vergonha de seu corpo, relatam que passaram a se aceitar e a se enxergar como potencialmente sensuais após iniciarem no pole dance. Presenciei apresentações de meninas que tem seu corpo fora do padrão estético e muitas pessoas da plateia elogiarem a sua “coragem”, como uma forma de militância a favor do empoderamento feminino.

Uma das formas de legitimar o pole dance, sem retirar a carga de sensualidade da prática, é apresentar as suas vantagens para as mulheres. O empoderamento e a autoestima foram associados às aulas de pole dance em diversos locais do mundo. Estúdios de dança divulgam essas características como um diferencial, para atrair clientes; e praticantes de pole dance as citam como benefícios reais. Trabalhos acadêmicos como os de Allen (2011), Dimler (2015), Fernandes (2012), Gonçalves (2017) e Silva (2016) analisaram a questão do empoderamento no contexto do pole dance.

Em minha pesquisa bibliográfica, também encontrei trabalhos acadêmicos que refletem se o pole dance empodera ou objetifica as mulheres (BAHRI, 2012; DALE, 2013; WHITEHEAD; KURZ, 2009, DONAGHUE; WHITEHEAD; KURZ, 2011). Essa ambiguidade é problematizada por autoras feministas, de diversas linhas.

O discurso do empoderamento ligado à sensualidade e à liberdade sexual propõe que as mulheres, ao tomar para si a sua sexualidade, estão se emancipando. Esse argumento é comumente associado ao feminismo liberal, por se tratar de algo pessoal e individual, em que cada mulher é livre para escolher o rumo de sua sexualidade.

Algumas autoras feministas criticam o feminismo liberal por acreditar que o empoderamento individual apenas mascara a realidade, pois a violência contra a mulher e a desigualdade de gênero permanecem como um problema social mundial. Para essas autoras, a possibilidade de liberdade e empoderamento não é igualitária e atinge, majoritariamente, uma parcela da população, a saber: mulheres brancas, cisgênero, heterossexuais e de classe média e alta.

Para Levy (2005), as mulheres praticantes de pole dance querem atrair o olhar dos homens ao dançar e, com isso, elas mesmas se objetificam. A ideia de objetificação

da mulher deslegitima o pole dance, relacionando-o com a indústria do sexo e com a *raunch culture*. Nessa visão, o olhar do homem é elemento essencial para a existência do pole dance, seja em um ambiente público ou privado.

Segundo a autora (2005), o pole dance faz parte de um imaginário social em que mulheres jovens, magras e seminuas estão dançando de forma erótica para uma plateia de homens, por dinheiro, em uma casa noturna. Dessa forma, o pole dance seria um produto consumido por homens e os conceitos de feminilidade e sensualidade das dançarinas seriam definidos pelo domínio masculino.

O argumento dessa crítica é que, ao procurar aulas de pole dance, as mulheres estariam se esforçando para se encaixar em um estereótipo de feminilidade e sensualidade desejado por homens. Ou seja, não estariam realizando uma atividade para si e por si, mas para atender a uma pressão social e atrair o olhar dos homens.

Vimos que existem alguns contra-argumentos a essa visão. Exemplifico com a reflexão de uma informante da pesquisa de Whitehead e Kurz (2009) que disse: se você recebe dinheiro para dançar, é como se a sua liberdade de escolha fosse retirada de você. Mas se você paga para fazer aulas de pole dance, é como se estivesse no poder e no controle, porque o dinheiro é seu para fazer o que quiser. Além disso, o espaço de um estúdio de dança é, geralmente, feminino e as aulas e apresentações se dão em um ambiente seguro, entre colegas, sem a presença de homens.

Um exemplo dessa disputa: em 2016, uma briga entre entidades de apoio às mulheres chamou a atenção da comunidade internacional de pole dance, com muitas profissionais se posicionando contra o ocorrido nas redes sociais. A polêmica se deu em torno desse cartaz virtual:



Figura 10 - Evento Take Back the Night
Fonte: Australian Pole Dancers Magazine

Take Back the Night é uma marcha contra a violência de gênero que ocorre anualmente em Londres. A marcha é organizada pela *Women`s Events Commitee*, ONG que planeja eventos em prol das mulheres. O que ocorreu foi que o *London Abused Women`s Centre - LAWC* (serviço comunitário gratuito de Londres para mulheres que sofreram violências) retirou publicamente o seu apoio à marcha ao saber que, durante o evento, ocorreriam apresentações de pole dance. A justificativa do LAWC é que o pole dance surgiu nos clubes noturnos de *striptease*, em que as mulheres são vistas e tratadas como objetos sexuais para os homens. Sendo assim, o pole dance é uma atividade que normaliza a violência dos homens contra as mulheres. A marcha retirou a demonstração de pole dance da agenda do evento, mas o LAWC manteve sua posição.¹⁰

A polêmica acabou tomando uma proporção maior que o evento em si, pois incluiu o debate sobre trabalho sexual e objetificação da mulher. A crítica questionava como uma atividade que está associada ao entretenimento adulto estava reivindicando para si o título de empoderadora de mulheres. O posicionamento do LAWC é que as mulheres que trabalham na indústria do sexo são vítimas de abuso e violência e o pole dance está associado à indústria do sexo, o que vai contra o entendimento do que é feminismo.

A contra-argumentação é que a mulher pode optar por trabalhar na indústria do sexo e a essência do feminismo é apoiar todas as mulheres nas suas escolhas. Sobre essa polêmica, a dançarina de pole dance Peach Lee Ray escreveu em seu blog¹¹:

Não existe um estigma incorporado ao pole dance, mas sim um estigma anexado às mulheres que são sensuais, tem autoconfiança sexual ou quebram as regras da moralidade, o que pode também ser associado às mulheres praticantes de pole dance. Quando alguém que pratica pole dance fala 'eu não sou como uma *stripper*, o que eu faço é mais parecido com uma forma de ginástica' ou 'na verdade, o pole dance se originou na China e na Índia e era praticado por homens!'. O que esses argumentos têm em comum é que eles afirmam que as mulheres têm que agir de uma determinada maneira para que suas ações sejam consideradas apropriadas. Ao afirmar essas visões, você não está ajudando o pole dance a se tornar uma atividade mais aceita socialmente,

¹⁰ Fonte: CTV London

¹¹<http://www.polewithpeach.com>

you are simply trying to fit it into the pre-defined concept of decency that, in any way, is irrational (my translation).

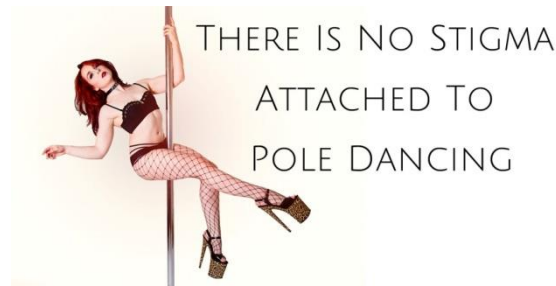


Figura 11 - Pole dance e estigma
Fonte: Pole with Peach

Associar o pole dance unicamente com a objetificação das mulheres e a indústria do sexo é uma visão radical, mas que encontra eco em algumas vertentes feministas e afeta a comunidade do pole dance, como vimos no exemplo da marcha *Take Back the Night*.

Holland (2010) discorda da ideia de objetificação da mulher e afirma que, apesar de existirem *links* com a indústria do sexo, o pole dance, da maneira como é realizada em estúdios de dança, é muito diferente das performances realizadas dentro da indústria do sexo, principalmente porque as aulas são, em sua maioria, exclusivas para mulheres e o seu foco é lazer e diversão delas. A autora descreve o pole dance como potencialmente empoderador e uma atividade positiva que representa uma intersecção complexa envolvendo corpo, lazer, atividade física e amizade.

Em sua pesquisa, Holland (2010) analisou o discurso de mulheres praticantes de pole dance e verificou que o termo empoderamento aparece de modo frequente. A autora realizou trabalho de campo observando aulas de pole dance na Inglaterra e concluiu que os benefícios físicos da prática, associados ao aumento da autoconfiança e autoestima das mulheres, constituem uma forma válida de empoderamento individual para as praticantes de pole dance.

No Brasil, o empoderamento é bastante usado como estratégia dos estúdios de dança para ganhar clientes e também é citado, pelas alunas, como um benefício da prática. Em minha pesquisa na internet, encontrei várias propagandas de estúdios que vendem o empoderamento, como se fosse algo palpável e que as mulheres conquistariam ao fazer aulas de pole dance.



Figura 12 - Benefício do empoderamento
Fonte: Facebook



Figura 13 - Atividade libertadora
Fonte: Facebook

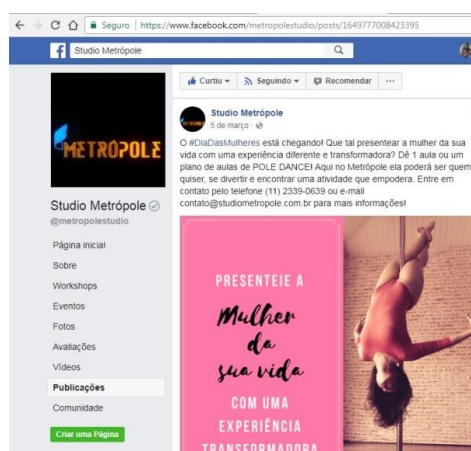


Figura 14 - Dia das Mulheres
Fonte: Facebook

Nos exemplos de publicidade acima (figuras 12, 13 e 14), realizados por páginas de estúdios de pole dance na rede social *facebook*, se propõem que a atividade é uma experiência empoderadora para as mulheres.

Nas aulas, é possível encontrar alunas seminuas (é solicitado que usem *shorts* curtos e *tops*, pois a pele precisa aderir à barra e o tecido das roupas faz com que a praticante deslize na barra, podendo cair ou se machucar), usando sapatos de salto alto e realizando performances sensuais. Nesse espaço, existe a possibilidade de dançar de maneira sensual, sem repressão, sem vergonha do seu corpo e sem o olhar masculino. Porém, o empoderamento e a autoconfiança só irão ocorrer, verdadeiramente, se forem alcançados por si e para si. A sensação de poder próprio, conquistada por estar em

conformidade com os padrões de beleza e sensualidade construídas pelo domínio masculino, é questionável do ponto de vista do feminismo.

Existe um certo limite entre o sensual (permitido) e o erótico (proibido) que fica subentendido entre a comunidade. Em determinados espaços, como nas apresentações de final de ano dos estúdios, onde as alunas dançam e convidam seus amigos e familiares a assistirem, é possível ser sensual, mas sem ultrapassar um limite moral, apropriado ao local e ao público.

Os limites entre o pole dance como lazer ou atividade física e o pole dance como trabalho em uma casa noturna fazem parte de outra problemática relacionada a prática. Mundialmente, existem dançarinas e profissionais da indústria do sexo que militam pela aceitação de seu trabalho e questionam a sua segregação. Algumas dançarinas, como Jacq The Stripper¹² e Lux ATL¹³, trabalham na indústria do sexo como *strippers* e criticam, frequentemente, em suas redes sociais, o fato de que muitas mulheres utilizam elementos da cultura do *striptease* mas, ao mesmo tempo, tem preconceito contra as *strippers* e insistem em se afastar dessa identidade, como se fosse um estigma.

As profissionais da indústria do sexo que também dançam no pole estão totalmente separadas, socialmente e espacialmente, das outras mulheres que praticam pole dance, sejam instrutoras ou alunas de estúdios de dança, bailarinas ou atletas. Ainda que o imaginário cultural possa colocar todas essas mulheres como dançarinas sensuais, a realidade é muito distinta. A diferença se dá em três pontos principais: o local em que estão realizando a prática (um estúdio de dança, um evento esportivo ou uma casa noturna), o motivo (lazer ou trabalho) e o público (colegas, geralmente mulheres, ou homens).

Para Bahri (2012), o pole dance pode ser uma prática empoderadora para uma parcela de mulheres que, muitas vezes, não enxerga as *strippers* com empatia, mas como sendo “a outra”, diferente de si. As aulas oferecem os aspectos empoderadores da prática em um espaço seguro, onde as alunas podem flertar com o subversivo e brincar com a ideia de serem sensuais e até vulgares, como uma espécie de fantasia,

¹² <https://www.instagram.com/jacqthestripper/?hl=pt-br>

¹³ https://www.instagram.com/lux_atl/?hl=pt-br

mas sem as consequências sociais negativas. Isso pode virar um produto rentável, pois muitos estúdios investem em aulas especiais de *striptease* e coreografias sensuais, principalmente perto do Dia dos Namorados.

A sensualidade, em nossa sociedade, ainda é assunto controverso, historicamente mantida no espaço privado e polemizada quando levada à público. Relacionar o pole dance sensual com empoderamento feminino é uma forma de legitimar a prática de uma maneira diferente da associação com o esporte, por exemplo. Essa forma de legitimação expõe a sensualidade como algo positivo. Assim como a feminilidade é um aprendizado social, a sensualidade também é; e o empoderamento individual pode transformar esses aprendizados em aceitação do seu corpo, libertação dos padrões exigidos culturalmente e liberdade de expressão da sexualidade, não necessariamente para agradar o seu parceiro.

Pensar a prática do pole dance de uma maneira que empodera as mulheres é afirmá-la como um ato político, que possibilita a transgressão da moralidade e a afirmação do corpo da mulher, reorganizando entendimentos sobre o uso do corpo e a posição da mulher na sociedade.

Vimos que existem valores e modelos hegemônicos para o que é feminino e masculino, assim como marcas e padrões comercializáveis que definem a atratividade dos corpos de homens e mulheres. Para reivindicar um poder próprio, os corpos precisam desobedecer e subverter as regras que foram obrigados a seguir, dentro da estrutura em que foram criados. Bianciotti (2011) questiona as possibilidades de desobediência e transgressão das normas sociais e culturais que as mulheres têm, no âmbito do uso de seu corpo e das práticas de sedução.

Penso que o pole dance pode ser inserido no debate feminista, pois dialoga com outros temas como identidade, gênero, corpo, sexualidade e respeitabilidade e, no decorrer da pesquisa, identifiquei a atividade como um fenômeno complexo e que agrega muitas questões contemporâneas.

4.2. Pole dance como esporte

O pole dance como esporte também é chamado de pole *fitness*, retirando, dessa maneira, o “dance” da sua nomenclatura; tem movimentos semelhantes aos realizados por ginastas e exige um preparo corporal de força, equilíbrio e flexibilidade similar ao das práticas esportivas.

A redefinição do pole dance como um esporte gerou controvérsias na comunidade de praticantes em todo o mundo, pois a ideia do pole dance como uma dança sensual é muito forte e defendida. Por estar culturalmente associado à dança, ao erotismo e à sensualidade, existe uma diferenciação entre essa prática e outras, consideradas esportivas em si, causando uma ambiguidade que, frequentemente, é abordada na mídia e na imprensa mundial:



Figura 15 - Do clube de striptease ao esporte
Fonte: The Guardian



Figura 16 - Pole Fitness
Fonte: The Guardian

A manchete da figura 15 cita a reinvenção do pole dance, vindo dos clubes de *striptease* para ganhar espaço no esporte. O subtítulo ressalta que **força, resistência e crianças** estavam presentes no campeonato de pole esportivo noticiado (grifo meu). Força e resistência são atributos físicos necessários para a prática esportiva, incluir “crianças” na frase, como sendo outra “característica” presente no evento, me soa estranho; parece-me que são elementos que podem e devem estar presentes em um espaço esportivo, mas não em um clube de *striptease*. A notícia ainda questiona se o pole dance conseguirá escapar do seu estigma (e de sua história decadente) para se

tornar um esporte olímpico. Essa reportagem parece reforçar o estigma e a separação entre as formas de pole dance.

A manchete da figura 16 questiona se o pole *fitness* seria o lado respeitável do pole dance, deixando subentendido que o lado não respeitável seria o sensual ou erótico. O subtítulo menciona que o pole *fitness* está ganhando popularidade mundial e é uma tendência no mercado *fitness*, porém ainda enfrenta problemas com sua imagem. A notícia infere que a sensualidade é um problema para a prática.

https://www.gazetaonline.com.br/esportes/mais_esportes/2017/10/pole-dance-esta-cada-vez-mais-perto-de-se-tornar-um-esporte-olimpico-1014/

GAZETAONLINE NOTÍCIAS DIVERTI-SE ESPORTES MAIS LIDAS MAIS RECENTES

ESPORTES > Mais Esportes > Pole dance está cada vez mais perto de se tornar um esporte olímpico

Mais Esportes Novidades

Compartilhar: [Facebook] [Twitter] [LinkedIn]

Publicado em 21/10/2017 às 08:14
Atualizado em 21/10/2017 às 08:17

Luciana Castro
lcastro@gazetaonline.com.br

Pole dance está cada vez mais perto de se tornar um esporte olímpico

Capixabas que praticam o pole dance defendem a inserção do esporte nos Jogos Olímpicos

Encarado como uma dança sensual que surgiu na Inglaterra nos anos 80 e posteriormente ganhou os palcos de casas noturnas, o pole dance hoje recebeu novas modalidades e está sendo cogitado para virar esporte olímpico. Na Olimpíada de 2020 ele não será inserido, mas no início de outubro, a GAISF (Associação Global das Federações Esportivas Internacionais), com sede na Suíça, concedeu o status de "observador" para a dança que é feita em uma barra e segue moldes de ginástica artística.

JEEP RENEGADE. TUDO NELE É JEEP.
MONTE SEU CARRO Jeep

Figura 17 - Esporte Olímpico
Fonte: A Gazeta

olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/07/18/poledance-quer-superar-estigma-de-danca-de-boate-e- virar-esporte-olimpico.htm

Poledance quer superar estigma de dança de boate e virar esporte olímpico

Elas Estão De Volta
As sapatilhas mais lindas e confortáveis já chegaram, leve 3 por apenas R\$99
Comprar

A última vez que você ouviu falar de poledance pode ter sido quando um amigo foi a um strip club. Mas a verdade é que a modalidade é um esporte bastante similar à ginástica olímpica e que luta para fazer parte das Olimpíadas.

Azmina @ Juliana Lima* Colaboração para o UOL

Figura 18 - Estigma de dança de boate
Fonte: UOL

Nas notícias das figuras 17 e 18, a origem sensual é citada e, em seguida, é revelada a informação que o pole dance está ganhando uma nova forma, pela sua inserção no esporte. A manchete da figura 18, novamente, menciona o estigma.

A introdução do pole dance no mundo esportivo profissional é ainda mais recente que a sua transformação em atividade física. Inicialmente, os primeiros estúdios de dança, abertos por *strippers*, tinham como objetivo ensinar o pole dance como uma atividade física recreacional. Aos poucos, a atividade começou a ser vista como uma opção rentável no mercado *fitness*, ganhando popularidade e novos adeptos. Segundo Hollan (2010), em 2005, ocorreu o primeiro campeonato mundial de pole dance, chamado *World Pole Dance Championships*, em Amsterdã (Holanda). O campeonato sinalizou o surgimento de uma comunidade internacional de *pole dancers*¹⁴ e também ajudou a divulgar a modalidade para um público mais amplo. Desde então, centenas de novos estúdios de pole dance abriram suas portas, em mais de 50 países, e o número de competições e campeonatos aumentou, sejam mundiais, regionais ou nacionais.

Em 2009, em Curitiba, ocorreu o primeiro campeonato brasileiro, chamado *Brasil Pole Dance Fitness*. A partir daí, surgiram entidades oficiais de pole dance brasileiras, como a Federação Brasileira de Pole Dance (fundada em 2009), a Confederação Brasileira de Pole Dance (fundada em 2010) e a Liga Brasileira de Pole Sports (fundada em 2014).

Em 2017, a *International Pole Sports Federation* (IPSF) ganhou o *status* de observador do *Global Association of International Sports Federations* (GAISF), que seria como uma posição de “esporte provisório”, válido por dois anos. Com isso, a IPSF está pleiteando a entrada do pole esportivo como uma modalidade olímpica.

Antes de iniciar a pesquisa, já havia descoberto que existiam praticantes de pole dance que buscavam o seu reconhecimento como esporte. Silva (2013, 2014, 2016) aborda essa questão, ressaltando que, para muitas praticantes, o seu reconhecimento como atletas e a divulgação do pole dance como um esporte é muito importante.

Em outubro de 2016, a Federação Brasileira de Pole Dance fez uma campanha de mobilização pela legitimação do pole dance como um esporte, principalmente no Rio de Janeiro, onde fica o estúdio de dança de Vanessa Costa, presidente da Federação. A campanha visou associar o pole dance a uma atividade física possível para todos e a

¹⁴ Praticantes de pole dance de vários lugares do mundo se auto-denominam *pole dancers*

um estilo de vida saudável. Foi criado um abaixo assinado virtual em prol da legitimação do pole dance.

Na página *online*¹⁵ do abaixo assinado, os participantes eram incentivados a deixar o seu comentário sobre a campanha e a justificar porque eram favoráveis à legitimação. Para ilustrar, fiz a captura de tela da página em que aparecem alguns comentários:

Motivos para assinar

Veja o que todo mundo está falando sobre esta mobilização e compartilhe você também um comentário!

| | |
|---|---|
| <p>Nathâny Empreteres 31 de jul de 2017</p> <p>Estou assinando porque além de apoiar, também pratico o Pole Dance!!</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> | <p>Karina Santos Há 1 ano atrás</p> <p>Eu pratico e vejo que é um esporte de acrobacias, a maldade está nos olhos de quem vem!</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |
| <p>Juliana Catarine ferreira 9 de jul de 2017</p> <p>Assino pois sou praticante e em formação para professora, vejo as dificuldades na área e a falta de legitimação, podendo ter consequências futuramente.</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> | <p>Thais Luiza Guilherme Pereira Há 1 ano atrás</p> <p>Sou praticante e amo a arte de Pole Dance</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |
| <p>Juliana Catarine ferreira 9 de jul de 2017</p> <p>Assino pois sou praticante e em formação para professora, vejo as dificuldades na área e a falta de legitimação, podendo ter consequências futuramente.</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> | <p>Raquel Nunes Há 1 ano atrás</p> <p>Gosto de poli</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |
| <p>Cibele Noronha Há 1 ano atrás</p> <p>Eu pratico Pole Dance!</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> | <p>Mônica Santos Há 1 ano atrás</p> <p>É um esporte para os fortes. Só quem pratica sabe o que é derrubar preconceitos e ainda fazer cara de bonita na barra vertical.</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |
| <p>Rafaela Kunst Há 1 ano atrás</p> <p>Porque amo...</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> | <p>Vanesa Da Silva Laurencio Cezario Há 1 ano atrás</p> <p>Amo e pratico esse maravilhoso e viciante esporte!!</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |
| <p>Helen Zanotto Há 1 ano atrás</p> <p>Sou praticante e entendo q o pole é um esporte como os demais</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> | <p>Tathiane Vianez Há 1 ano atrás</p> <p>O único esporte que me encantou até hoje! Trabalha meu corpo e minha mente como nenhum outro.</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |
| <p>Brenda Freitas Há 1 ano atrás</p> <p>Porque pole dance é uma coisa que exige muito nossos esforços assim como qualquer outro esporte, não é uma coisa de boate como todos pensam e sim é um ESPORTE</p> <p>1</p> <p>Denunciar</p> | <p>LAURA DE BARROS Há 1 ano atrás</p> <p>Sou atleta de pole dance e gostaria que houvesse esse reconhecimento.</p> <p>0</p> <p>Denunciar</p> |

Figura 19 - Abaixo assinado: comentários I

Fonte: Change.org

¹⁵ <https://www.change.org/p/brasil-campanha-nacional-pela-legitima%C3%A7%C3%A3o-do-pole-dance-2016>

Nas figuras 19, 20 e 21, a maioria dos comentários reconhece o pole dance como atividade física e, no total, vinte e dois comentários afirmam que pole dance é esporte.

The image shows a grid of 12 comments from various users on the Change.org platform, all supporting Pole Dance as a sport. Each comment includes the user's name, profile picture, a timestamp of 'Há 1 ano atrás', a 'Denunciar' link, and a heart icon with a zero count.

- Juliana Branco Gonçalves Fernandes:** Acredito que esta modalidade deve ser encarada como uma modalidade esportiva, e assim abrir um leque de oportunidade para campeonatos nacionais e mundiais, para que a cada ano cresça ainda mais o conceito do Pole, e todos obtenham mais respeito e simpatia pelo esporte.
- Cléudia Rossi:** Sou praticante e apaixonada por Pole! Eu sou a favor da moralização e do reconhecimento dele como esporte!
- Simone Rocha:** Apoio está campanha
- Tamara Nogueira Lucate:** Estou assinado, para que nossa modalidade esportiva PoliDance, seja reconhecida e aceita como esporte! As nossas acrobacias não são diferentes da ginástica rítmica e olímpica. Polidance é um esporte completo que precisa se legitimado.
- Amende Serapão:** Faço pole dance e sou apaixonada por esse esporte.
- ALLYS ARMANELLI TERAYAMA:** Fazer com que o Pole Dance fitness seja reconhecido como esporte, é termos mais uma modalidade que abrange resultados fantásticos, fazendo com que em pouco tempo tenhamos resultados visíveis em nosso corpo, de forma correta, com acompanhamento de profissionais qualificados.
- Cida Barbosa:** Pela legitimação do Pole Dance como esporte ! Um esporte completo que pode ser praticado por qualquer pessoa ... em qualquer idade! Sou praticante do Pole Fitness Aéreo. Sou Profa. De Educação Física aposentada ...com 58 anos! Sou apaixonada pelo esporte... Pole Dance Fitness Aéreo
- Paula Coelho:** Eu pratico Pole!
- Patricia Ferreira dos Santos:** Pratico o pole
- Gerislanis Morais:** gosto, acredito, pratico e sei o resultado como esporte que pode trazer pra atletas.
- Paula Renata Pereira Franz:** Assino porque, para mim, o pole é um esporte sim. O pole exige a concentração e a preparação física e psicológica que qualquer outro esporte exige. É muito mais do que a maioria das pessoas pensa, não são apenas movimentos sensuais, é um esporte, assim como qualquer outro.
- Marcia Bazzoni:** Amo o pole e estou de acordo com a campanha nacional pela legitimação do pole em nosso país!!!
- MARISA MARIANO:** O pole é um esporte! Um esporte democrático.

Figura 20 - Abaixo assinado: comentários II
Fonte: Change.org

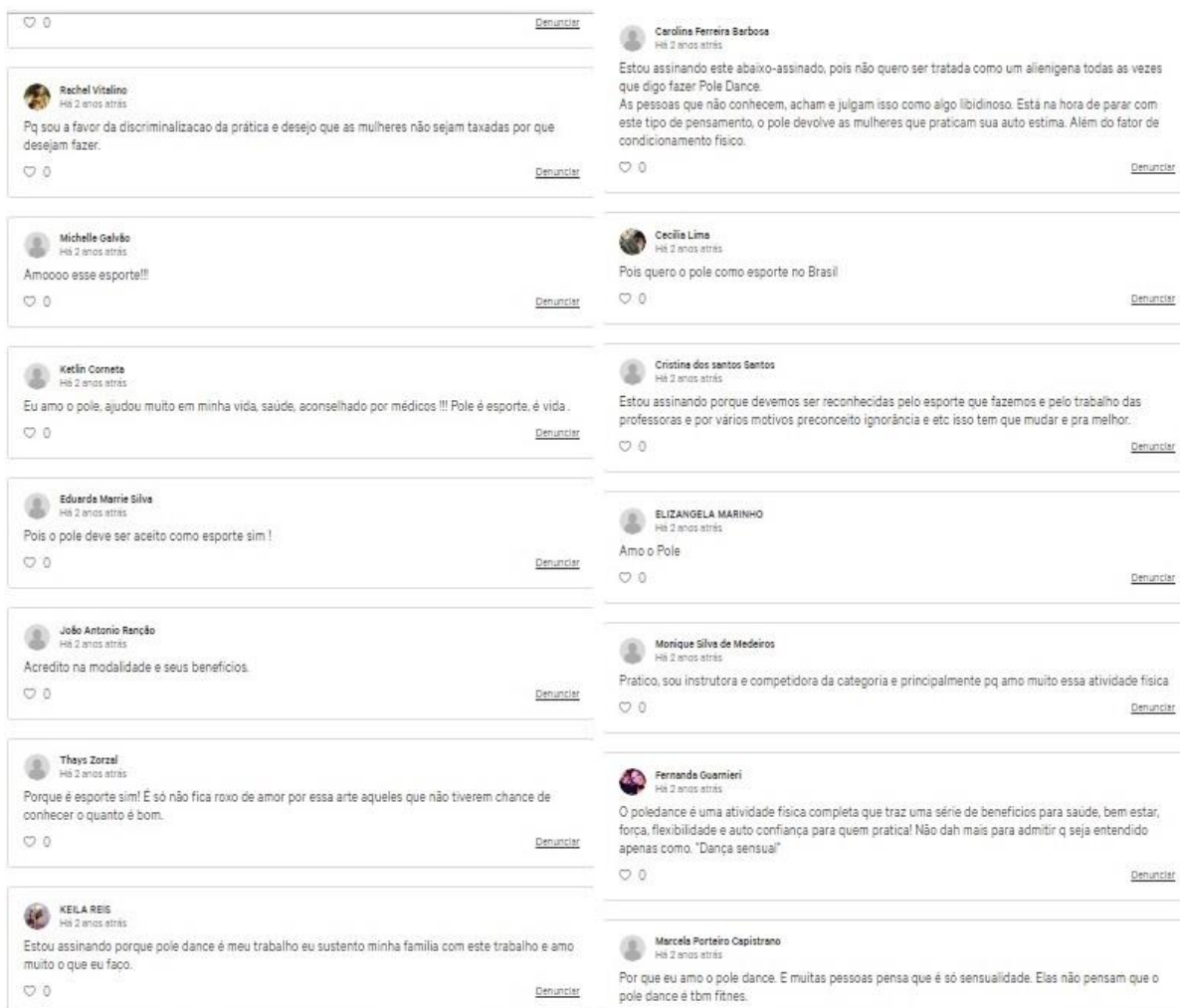


Figura 21 - Abaixo assinado: comentários III
Fonte: Change.org

Chamou-me a atenção a quantidade de comentários que visa negar o lado sensual ou erótico do pole dance. Selecionei alguns trechos: "...não é coisa de boate como todos pensam..." (figura 19); "...só quem pratica sabe o que é derrubar preconceitos..." (figura 19); "... a maldade está nos olhos de quem vê..." (figura 19); "...é muito mais do que a maioria das pessoas pensa, não são apenas movimentos sensuais, é um esporte, assim como qualquer outro..." (figura 20); "... não dá mais para admitir que seja entendido apenas como Dança Sensual..." (figura 21); "... as pessoas que não conhecem, acham e julgam isso como algo libidinoso..." (figura 21); "... sou a favor da **descriminalização** da prática e desejo que as mulheres não sejam taxadas porque desejam fazer..." (figura 21, grifo meu).

Pelos comentários, podemos inferir que o respeito buscado pela legitimação do pole dance significa a retirada da conotação sensual da prática. Assim, a mudança de categoria, de dançarina para atleta, faria com que a mulher se tornasse merecedora de respeito.

Ressalto alguns comentários sobre a questão do esporte: "... é um esporte democrático..." (figura 20); "... sou a favor da **moralização** e do reconhecimento dele como esporte..." (figura 20, grifo meu); "...as nossas acrobacias não são diferentes da ginástica rítmica e olímpica..." (figura 20).

As informações, presentes nos comentários, parecem querer inserir a moralidade do esporte no pole dance, incorporando as ideias de disciplina, saúde, bem estar e qualidade de vida; assim como características típicas do esporte e das atividades físicas, como: força, flexibilidade, condicionamento físico e concentração.

Na figura 22, vemos um trecho da notícia do *Jornal Brasil online* sobre a campanha de legitimação do pole dance, em que o pole dance está associado com características típicas de outras atividades esportivas, como condicionamento físico e autoestima:

www.jb.com.br/esportes/noticias/2016/10/03/campanha-nacional-pela-legitimacao-do-pole-dance/

Homens também praticam, mas a maioria dos praticantes é formada por mulheres, de várias idades, que aderiram ao pole como ESPORTE e ESTILO DE VIDA: "As praticantes são jovens estudantes, profissionais liberais, arquitetas, advogadas, engenheiras, enfermeiras, algumas mães de família. O pole é bem democrático e todas encontraram nele condicionamento físico e auto estima", afirma Vivian Alencar, representante da FBPOLE em Manaus.

Legitimação

A convocação para a mobilização é feita aos estúdios e escolas do Brasil, praticantes profissionais/amadores e simpatizantes. Todos são convidados a assinarem uma petição oficial, disponível no endereço: <https://www.change.org/p/brasil-3-campanha-nacional-pela-le...>

O abaixo assinado pretende mapear todas as pessoas no Brasil que praticam e trabalham com pole e a fornecer números referentes à modalidade: Em 2013 foram mais de 600 assinaturas e em 2014 mais de 800 em 2015 mais de 1.000 o que mostra o crescimento gradativo da modalidade.

Ao final da campanha as assinaturas geram automaticamente o Catálogo Nacional do Pole com todas as escolas que a Federação Brasileira indica. Atualmente, já são mais de 150 estúdios cadastrados em vários estados: Alagoas, Amazonas, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, além do Distrito Federal.

A intenção é legitimar a modalidade e mostrar às autoridades interessadas que o Pole Dance no Brasil já possui um número significativo de praticantes para que se exija o reconhecimento e a profissionalização da modalidade.

Obs.: Em caso de chuva o evento será cancelado.

Figura 22 - Legitimação do pole dance
Fonte: Jornal do Brasil

O argumento do respeito pode afetar negativamente determinados grupos de mulheres (dançarinas, *strippers*, profissionais da indústria do sexo ou até mesmo quem prefere praticar o pole dance de maneira sensual). A justificativa para a legitimação parece ser a retirada do estigma do erotismo e da sensualidade. Porém, esse estigma não irá desaparecer do imaginário social, ele continuará existindo, ainda que longe do pole dance que almeja ser visto como esporte. Enquanto isso, outros grupos preferem brincar com a subversão ou desconstruir o próprio estigma, militando para que o erótico e o sensual não sejam mais vistos com preconceito.

A preocupação com a profissionalização e transformação do pole dance em esporte também pode ser interpretada como uma questão de mercado: ao ser definido oficialmente como esporte, o pole dance passa a contar com maiores chances de obtenção de patrocinadores; além disso, somente profissionais formados em Educação Física poderiam ministrar aulas de pole dance. A questão do pole dance poder ser ensinado somente por educadores físicos é polêmica, tanto na comunidade, quanto fora dela (anexo B).

Um conjunto de marcadores de legitimidade, que associam o pole dance ao esporte, começou a surgir, ajudando a ressignificá-lo como atividade esportiva ou *fitness*. A própria redefinição do nome, de pole dance para pole *fitness*, é um caso. Outros exemplos desses marcadores são: criação de associações e federações, programas de capacitação, corpo de juízes e regras internacionais para as competições.

As competições e os campeonatos ilustram a estratégia de legitimar a prática: o evento *World Pole Sport and Fitness* é credenciado pela *UK's Fitness Industry Association (FIA)*¹⁶ e pelo *Register of Exercise Professionals*¹⁷; a *International Pole Dance Association* e a *International Pole Sports Federation (IPSF)* possuem programas próprios de capacitação de profissionais, que permitem que praticantes e estúdios sejam credenciados e reconhecidos internacionalmente.

¹⁶ A FIA é uma organização sem fins lucrativos que representa os interesses das organizações privadas e públicas envolvidas no mercado *fitness* do Reino Unido.

¹⁷ Registro público de profissionais ligados ao mercado *fitness* do Reino Unido.

Para refletir sobre a busca e a importância da legitimação do pole dance como um esporte é necessário analisar o reconhecimento e o valor do esporte na nossa sociedade. Essa tentativa de legitimidade pode lhe atribuir significados distintos dos de sua origem sensual, em um espaço também distinto.

Sabe-se que o esporte hoje tem uma imagem positiva na sociedade e está relacionado à saúde e qualidade de vida. O espaço público do esporte tem uma organização própria e definida socialmente; existe uma marca moral que o legitima como um lugar onde as regras de conduta são visíveis:

Alusões sobre a perda ou ausência de valores fortalecem instituições cuja legitimidade ancora-se em propostas de educação moral, como é o caso das práticas esportivas. O esporte comumente apresentado como prática de lazer saudável e como medida socioeducativa é defendido como capaz de ensinar a trabalhar em equipe, respeitar limites e valorizar as diferenças, acatar regras e assumir desafios. Argumenta-se como as práticas esportivas combatem o consumo de drogas, previnem a violência, ao mesmo tempo qualificam a cidadania e a participação social. Com essa conotação o esporte situa-se numa luta constante contra a anomia ou versus a fragilidade das regras sociais em exercer sua autoridade moral (NOGUEIRA, 2016, p. 677).

Nos comentários do abaixo assinado, vimos que muitas pessoas associaram o esporte à respeitabilidade, em contraposição ao pole dance sensual, como uma espécie de limpeza ou pureza da prática. Para Silva (2016),

[...] é possível pensar como o erótico pode estar associado a um impuro e a ideia de esporte ou arte traria uma determinada “pureza” para a prática. O pole dance, poderia então, por estar dotado de uma “pureza”, circular em diferentes meios e não ficar restrito a alguns espaços, como acontece ainda hoje com o pole dance sensual (SILVA, 2016, p. 35).

A parcela da comunidade de pole dance que deseja legitimá-lo como uma prática esportiva, frequentemente, menciona os mesmos valores atribuídos ao esporte, como podemos ver nas figuras abaixo (23, 24 e 25). Dessa maneira, o pole esportivo é visto como uma atividade saudável, que queima calorias e fortalece o corpo.



Figura 23 - Benefícios do pole dance
Fonte: Facebook

A figura 23 mostra a publicidade de um estúdio de dança, em sua página no *facebook*. Os benefícios expostos, atribuídos ao pole dance, também poderiam ser relacionados a qualquer atividade física: fortalecimento, flexibilidade, equilíbrio, melhoria no sono e no sistema cardiovascular, possibilidade de emagrecimento e diminuição do estresse.

A figura 24 mostra uma propaganda de um centro de treinamento de pole esportivo, incentivando a prática por crianças e ressaltando valores como cooperação e respeito.



Figura 24 - Pole Sports
Fonte: Instagram



Figura 25 - Pole dance é esporte
Fonte: Instagram



Figura 26 - Empresa que apoia o esporte
Fonte: Instagram

Na figura 26, a publicidade do centro de treinamento informa que uma de suas atletas é patrocinada por empresas “sérias, tradicionais e respeitadas”. Essas características parecem conter uma moralidade associada ao convencional e ao correto.

Como uma das problemáticas desta pesquisa é a questão de gênero, que perpassa as disputas entre as diferentes formas de pole dance e os seus significados, procurei textos acadêmicos cuja temática aborda o tema “mulheres no esporte” e encontrei pesquisas que afirmam que as mulheres são menos respeitadas que os homens nos espaços esportivos (GOELLNER, 2007, MELO et al, 2015, SOUZA e KNIJNIK, 2007, ZEFERINO e SALLES, 2009).

Penso que há uma questão importante a ser desenvolvida: existe uma estratégia de legitimar o pole dance como um esporte, para que a prática ganhe mais respeito. A noção subentendida parece ser a de que uma atleta é mais digna de respeito que uma dançarina (principalmente se a dança está, de alguma forma, associada ao erotismo e à sensualidade).

Sendo o pole dance uma prática realizada, majoritariamente, por mulheres e tendo uma origem relacionada às *strippers*, então uma atleta merece mais respeito que

uma dançarina ou uma profissional da indústria do sexo; porém, pesquisas apontam que o espaço do esporte ainda pode desrespeitá-la pelo fato de ser mulher.

Vimos que existem valores morais relacionados ao esporte: poder normativo e regulador, controle, aplicação e respeito a regras do jogo, poder disciplinar, concessão de títulos e premiações, hierarquias, retidão, ascetismo, entre outros. Inúmeras vezes, vemos o Estado investir no esporte, como maneira de ocupar e controlar os jovens. Empresas públicas e privadas investem e patrocinam o esporte como estratégia mercadológica.

Existem empresas que patrocinam atletas e campeonatos de pole dance. Podemos ver alguns exemplos de publicidade das empresas brasileiras nas figuras abaixo (27, 28 e 29), notando que enfatizam a associação ao esporte (não à dança). Dale (2013) entrevistou Hitomi Suenume, um dos organizadores do *World Pole Dance Competition*, e Ania Prezplasko, fundadora da *International Pole Championship*, e descobriu que os esforços para dissociar o pole dance do *striptease* e de qualquer conotação sexual aos olhos do público se justificam por questões de patrocínio financeiro às competições e aos atletas. Os organizadores disseram que recusaram todas as ofertas de patrocínio por empresas cujos negócios estavam relacionados à indústria do sexo.



Figura 27 - Empresa que apoia o Pole Sports
Fonte: Instagram



Figura 28 - Patrocinador do campeonato
Fonte: Facebook



Gaia Pole Fitness
Estamos no Maior Evento Fitness do Brasil e
essa é sua chance de ter uma Barra Gaia Pole
com um Preço Incrível!

Consulte os Valores!

Figura 29 - Empresa em evento Fitness
Fonte: Instagram

As empresas ilustradas nas figuras 27, 28 e 29 estão associando a sua imagem ao pole esportivo, o que pode ser um fator de legitimação e distinção. Silva (2013) utiliza o conceito de distinção de Bourdieu para refletir sobre a divisão entre esporte e dança:

Baseando-se no exemplo do pole dance, poderíamos pensar que o fato de uma prática ser classificada como esporte já é um elemento de distinção? Parece-me que, nesse caso, seria possível uma tentativa de ruptura e uma criação de dicotomia entre pole dance e pole dance esportivo. O segundo, nesse caso, seria uma prática distintiva no sentido que distingue as praticantes – ou atletas – de pole dance, especialmente, daquelas que praticam ou utilizam técnicas do pole dance com alguma conotação sensual (SILVA, 2013, p. 5).

Além disso, a publicidade de alguns estúdios, que enfocam o pole esportivo, e os comentários do abaixo assinado deixam subentendido que é possível pensar numa hierarquia entre o esportivo e o sensual: o pole esportivo seria superior ao pole dance sensual.

Essa hierarquia foi frisada em uma campanha que circula nas redes sociais da internet, dentro da comunidade de pole dance. A *hashtag* “not a stripper” (não sou uma *stripper*) é usada por algumas praticantes de pole dance para marcar que a sua prática nada tem a ver com a dança de uma *stripper*. É interessante notar que o espaço público das redes sociais tornou possível a comunicação e as trocas entre praticantes de todo o mundo. Assim como existe uma comunidade virtual que se apoia e mantém um diálogo, as disputas internas se espalham na internet, e um exemplo foi a competição entre as *hashtags* #notastripper e #yesastripper.

Ao usar a *hashtag* “not a stripper”, as praticantes deixavam subentendido que estavam negando a origem erótica da prática e as contribuições das *strippers* para o início do pole dance como atividade física. Também supõem que há um estigma em ser *stripper*. Como resultado, muitas dançarinas de pole dance e/ou *strippers* começaram a usar a *hashtag* “yes a stripper” para se manifestar contra esse estigma e mostrar que estão orgulhosas da origem erótica do pole dance e do trabalho que fazem.



Figura 30 - Stronger than you
Fonte: Pole Freaks

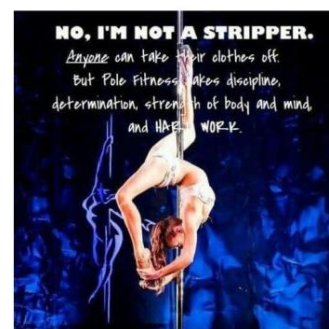


Figura 31 - Not a stripper
Fonte: Cleo's Rock N Pole

Na imagem da figura 30, a mensagem é direcionada aos garotos, como se a menina que está fazendo a pose avisasse: isso não quer dizer que eu sou uma *stripper*,

apenas quer dizer que eu sou mais forte que você. Na figura 31, a negação em ser uma *stripper* se repete, ressaltando que qualquer uma pode tirar a roupa, mas fazer *pole fitness* requer disciplina, determinação, força e trabalho árduo. A diferença de significados entre fazer *striptease* e fazer *pole* esportivo está nos valores agregados a cada uma das práticas.



Figura 32 – Yes a stripper
Fonte: Facebook

A figura 32 mostra uma crítica às praticantes de pole dance que insistem em desassociar sua imagem com a das *strippers*, destacando que essas praticantes não se dão conta de que estão roubando a cultura do *striptease* ao fazer pole dance. O desenho ironiza: se você não quer ser comparada com uma *stripper*, é só não fazer o que ela faz.

A reinvenção do pole dance e sua transformação em atividade física só foi possível porque existiu público para isso. O mercado *fitness* vem diversificando as atividades, para além da musculação e das aulas aeróbicas, com o objetivo de manter os clientes e conquistar mais adeptos. A cada ano, novas modalidades surgem com promessas de emagrecimento, saúde e diversão. Nos últimos anos, vimos modalidades como dança do ventre, zumba, *crossfit*, treinamento funcional, boxe e pilates invadirem academias e centros esportivos. Muitas delas são modismos, passando por uma fase de grande entusiasmo, por um breve período, para depois desaparecer.

O discurso hegemônico de que esporte é saúde e beleza vem se construindo desde a década de 1980, com o surgimento e ascensão da cultura *fitness*. Toda a divulgação dessa cultura, com suas vestimentas e indumentária, educa os sujeitos a tornarem visíveis, nos seus corpos, marcas identitárias de gênero: músculos volumosos e definidos para os homens, cintura fina, braços magros e coxas grossas para as mulheres (GOELLNER, 2007).

O primeiro estúdio de pole dance de Porto Alegre, quando inaugurou, estava localizado dentro de uma academia de musculação. Atualmente, encontramos aulas de pole dance em estúdios próprios, academias, escolas de dança e centros esportivos. Também existem aulas que são exclusivas para mulheres e outras que permitem a frequência de homens. O pole dance, como atividade física, concorre com outras modalidades existentes no mercado *fitness* e, internamente, disputa seu público entre as suas diferentes formas.

Bourdieu (1983) reflete sobre a oferta e demanda de uma prática esportiva, questionando porque, em determinado momento, um esporte passa a ser oferecido ao público como possibilidade de prática, em detrimento de outros. Qual a lógica que leva os agentes a adotarem uma ou outra prática esportiva? Para o autor, a resposta é complexa e engloba disposições culturais em relação ao esporte, ao próprio corpo, *habitus* e estilos de vida:

o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda: as transformações da oferta (invenção ou importação de esportes ou de equipamentos novos, reinterpretação dos esportes ou jogos antigos, etc.) são engendradas nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns (proselitismo esportivo), lutas entre diferentes esportes e, no interior de cada esporte, entre as diferentes escolas ou tradições (por exemplo, esqui de pista, fora da pista, de fundo, etc.), lutas entre as diferentes categorias de agentes engajados nesta concorrência (esportistas de alto nível, treinadores, professores de ginástica, fabricantes de equipamentos, etc.). (BOURDIEU, 1983, p. 18-19).

Bourdieu (1997) também afirma que a socialização diferenciada segundo o sexo se inscreve nos corpos, moldando-os de forma específica para o seu gênero associado, marcando, assim, limites e possibilidades. A disciplina dos corpos, encaixada dentro do seu gênero, produz *habitus* diferenciados que determinam as relações entre os sujeitos

e as formas de dominação. Os *habitus* corporais incluem gostos, maneiras de dispor do próprio corpo, tipos de movimentos, posturas, linguagens não verbais e gestos que dão origem a corpos feminilizados ou masculinizados.

4.2.1 O gênero no esporte:

O campo das atividades esportivas, sejam recreativas ou profissionais, é um dos espaços onde se reproduzem os estereótipos de gênero. Às mulheres, são destinadas as atividades mais expressivas, com motivações estéticas, que vão contra valores considerados masculinos, como agressividade, competitividade e contato físico.

O esporte é um lugar do masculino: do viril, do esforço físico, da coragem, do líder, da vontade de vencer. Para Goellner (2007), o esporte é um espaço generificado, que produz e reproduz práticas e discursos de acordo com o que a sociedade define como masculino e feminino. Historicamente, o esporte é uma atividade realizada por homens e a participação das mulheres se deu de forma lenta e conturbada, sempre envolvendo problemáticas de gênero.

A entrada das mulheres no campo esportivo foi vista, por muitos, como uma ameaça à dominação masculina desse espaço. A ideia de mulheres atletas, participando de campeonatos e competições, não era compatível com a noção de subordinação feminina da sociedade patriarcal. A força física de uma atleta abalava o argumento das diferenças biológicas entre homens e mulheres, considerando a dicotomia homens/masculino/forte *versus* mulheres/feminino/fraco. Esse argumento sustentava e naturalizava a diferença social e servia como justificativa para a desigualdade (ZEFERINO e SALLES, 2009).

O esporte se apropria das características sociais e culturais de seu tempo, adaptando suas atividades às regras vigentes. Pires (1998) afirma que faz parte do papel funcionalista do esporte incorporar categorias e valores típicos da lógica capitalista, fazendo com que os praticantes consigam apreender concepções como maximização do rendimento, disciplina, princípios de competição e comparações objetivas (todos iguais e com chances de vencer). Já no processo de sociabilização, os praticantes aprendem a importância das regras e das autoridades hierárquicas (juízes,

dirigentes, técnicos) e também incorporam papéis e estereótipos de gênero, diferenciando esportes tipicamente masculinos (futebol, lutas) e femininos (dança, ginástica rítmica, nado sincronizado).

A representação de feminilidade, baseada em atributos como graciosidade, beleza, sensualidade e delicadeza é uma construção cultural e está infiltrada em todos os espaços sociais. No espaço do esporte, podemos ver uma diferença na representação dos corpos de homens e mulheres atletas. De acordo com Goellner (2007), o campo esportivo é um espaço onde existe, recorrentemente, o discurso da diferenciação sexual e do binarismo de gênero, guiado pela ideia de fragilidade e inferiorização das mulheres, o que perpetua a hierarquização e o domínio masculino:

Não são raros os exemplos de reportagens na mídia brasileira onde, mais do que analisar os talentos e méritos esportivos das atletas, o foco situa-se, exatamente, na aparência de seus corpos. Nesta abordagem importa menos o fato das mulheres serem atletas, pois a centralidade está noutro lugar: nomeadas como musas, belas, princesas das quadras, meninas, garotas, etc, os comentários incidem mais sobre essas peculiaridades do que sobre suas trajetórias, conquistas ou frustrações esportivas (GOELLNER, 2007, p. 3-4).

As notícias relacionadas ao esporte também abordam, frequentemente, a diferenciação de gênero como um assunto de interesse do público. Souza e Knijnik (2007) apontam diversos estudos que evidenciam que a mídia privilegia os homens atletas em detrimento das mulheres. Exemplificam que os homens são mais vezes citados por suas habilidades técnicas e de rendimento, enquanto as mulheres são mais citadas em relação à sua aparência e feminilidade. Ao tratar das mulheres atletas, existe uma preocupação em mostrar sua vida pessoal e familiar, em reportagens que mostram como conciliam a vida de atleta, esposa e mãe. Além disso, as reportagens com mulheres atletas costumam usar termos que as infantilizam e marcam o gênero, como menina, garota, jovem.

Segundo os autores, a mídia esportiva pode ajudar a reforçar a construção social de gênero e a diferença entre mulheres e homens, mantendo a ideia da passividade e a fragilidade da mulher e perpetuando características consideradas apropriadas para a feminilidade. No caso do pole dance, vimos exemplos de reportagens que frisam essa diferença e tratam a inclusão dos homens como algo inusitado.

Alguns estudos afirmam que as mulheres no esporte sofrem preconceito por sua imagem: se seus corpos são muito fortes e musculosos, isso é visto como algo negativo; se são femininas e bonitas, essas características são mais relevantes que sua performance esportiva. Zoboli e Costa (2014) afirmam que a mídia ressalta a beleza da atleta e o seu cuidado com o corpo. Nas entrevistas feitas com mulheres atletas, as questões recorrentes ultrapassam o tema esporte e entram na sua vida privada e nos papéis de gênero. O corpo das atletas é erotizado e muitas acabam posando para revistas masculinas, como *Playboy*.

Na tentativa de retirar o estigma relacionado à sensualidade do pole dance, algumas praticantes argumentam que existem esportes em que as mulheres usam roupas curtas e realizam poses em que o corpo fica exposto, semelhante ao que acontece no pole dance. A diferença, segundo o argumento, é que as atletas não estariam expostas à erotização de seus corpos. Porém, existem autores que contrapõem esse argumento, afirmando que as mulheres, no esporte, também têm seus corpos erotizados.

A figura 33 mostra uma publicação de um estúdio de pole dance com uma colagem de imagens de mulheres, em que todas aparecem usando roupas curtas e em poses que deixam seu corpo exposto. A publicação faz uma comparação entre as atividades esportivas realizadas pelas mulheres, para ressaltar que o pole dance é um esporte e sofre preconceito. A mensagem afirma que as pessoas não se incomodam com a vestimenta das atletas e não as erotizam, sendo assim, não deveriam ter preconceito nem erotizar as praticantes de pole dance.

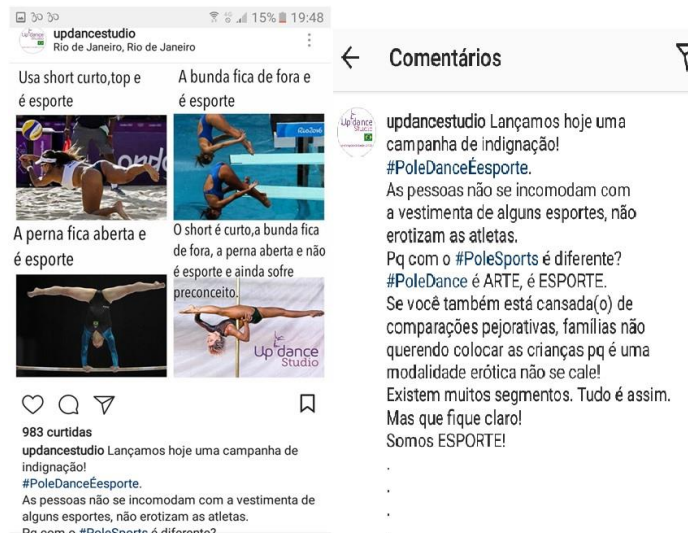


Figura 33 - Campanha de indignação

Fonte: Instagram

Muitos autores reconhecem a identidade de gênero como um fator que contribui para a escolha de uma modalidade esportiva, de acordo com os estereótipos masculinos e femininos que a sociedade propõe:

os esportes que tem uma ênfase em estereótipos masculinos ou femininos, quando praticados por indivíduos do sexo oposto, desencadeiam desconforto e estereótipos, ou seja, um determinado esporte socialmente percebido como masculino que requer força, agressividade e racionalidade quando praticados por mulheres que tenham estes traços, fazem com que as pessoas as julguem como “mulheres-macho”. Estas características atribuídas aos desportos associada ao dimorfismo sexual do atleta interferem nos julgamentos destes indivíduos eliciando preconceitos e/ou estereótipos sexuais (MELO et al, 2015, p. 2).

Historicamente, o argumento das diferenças biológicas justificou a adesão de homens e mulheres em práticas esportivas desiguais. As representações sociais da mulher como frágil e/ou destinada a ser mãe não condizem com a realidade de hoje, na sociedade ocidental, e com os avanços feministas. Esse argumento fez com que a diferença entre os sexos servisse de base para a classificação dos espaços sociais em possíveis ou adequados para cada gênero.

Pensar o pole dance como um esporte é imprimir os valores associados à prática esportiva, que são diferentes dos valores comumente relacionados à arte e à sensualidade. Uma das características mais comentadas nas publicações que procuram

legitimar o pole dance como um esporte é a respeitabilidade e a formação de uma imagem positiva, livre do preconceito associado ao erotismo e à sexualização.

Porém, vimos que, no mundo do esporte, as mulheres, no geral, parecem ser menos respeitadas que os homens. As características ligadas à feminilidade, como beleza e graça, importam mais que a performance das atletas. É inegável a existência de disputas de poder entre os gêneros dentro do esporte, ambiente em que, tradicionalmente, o domínio é dos homens.

Temos duas disputas principais em relação ao pole esportivo: os argumentos que legitimam a sua adesão ao esporte e as evidências que as mulheres são tratadas de maneira diferente dos homens no espaço do esporte. Levando em consideração que, no pole dance, predominam as mulheres, a sua adesão ao esporte conseguiria trazer os benefícios de respeitabilidade e retirada do estigma de erotização?

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEBATE

Meu projeto de pesquisa inicial era realizar um trabalho etnográfico sobre pole esportivo ou pole *fitness*. Porém, ao me deparar com tão poucas pesquisas acadêmicas sobre pole dance, principalmente no Brasil, optei por apresentar o tema de uma forma mais ampla.

Eu tinha, e ainda tenho, muitas perguntas sobre o tema. Por ser uma pesquisa inicial e exploratória, tentei deixar o mais abrangente possível, mas muitas questões ficaram de fora do trabalho ou foram apenas citadas.

Refletindo sobre o pole dance como atividade física, me questiono se isso seria possível há vinte ou trinta anos atrás? Comecei a me interessar pela prática de pole dance em 2007, mas não existia nenhum lugar que ministrasse aulas em Porto Alegre; o primeiro estúdio de pole dance de Porto Alegre iniciou as suas atividades em julho de 2011.

O pole dance sofreu uma mudança de significado e de função durante os anos 1990, passando de uma dança sensual realizada, majoritariamente, por *strippers* em casas noturnas para uma atividade física de lazer realizada em academias e estúdios de dança e, com a profissionalização de muitas praticantes, em um esporte competitivo. Pode-se conjecturar hipóteses sobre o conjunto de condições sociais que tornaram possíveis essas transformações, como o feminismo, o discurso da libertação sexual das mulheres e a expansão do mercado *fitness* através da diversificação das atividades ofertadas.

Apresentar as disputas foi um recorte escolhido para dar visibilidade aos conflitos internos e nuances da prática. A questão de gênero se encaixou com a problemática dos espaços públicos e privados, considerados no início do projeto, ao categorizar o pole esportivo. Um campeonato de pole esportivo, por exemplo, está em um espaço público legitimado. Uma dança sensual, culturalmente, faz parte do domínio privado.

Em muitos espaços, esporte e sensualidade andam em concordância e harmonia e vários estúdios de dança vendem essa combinação como um atrativo: uma atividade que une esporte, arte e sensualidade (anexo C). Para muitas praticantes, não há problema em juntar as duas formas (esportiva e sensual); e o pole dance é visto como

um híbrido: uma atividade física que também trabalha a feminilidade, a sensualidade e/ou o empoderamento.

As identidades do pole dance são fluidas, existem praticantes que consideram a prática como um esporte e reivindicam que o seu espaço seja livre de qualquer traço sensual (centros que treinam crianças para participar de campeonatos, por exemplo), outras que misturam as formas sem problemas. Apresentamos as disputas para ajudar a reflexão e a categorização, mas entendemos que essas podem ser dinâmicas e perpassar umas às outras.

O argumento que o pole dance deve ser legitimado com um esporte para ganhar respeito me parece excludente, pois uma interpretação possível é que, assim, as outras formas não merecem respeito. Em qual moralidade vigente expor a sensualidade não seria uma prática digna de respeito?

A premissa de ganhar respeito por se tornar um esporte me parece questionável. Durante a pesquisa, averigui que as mulheres são menos respeitadas que os homens no espaço do esporte, em que prevalece o domínio masculino.

Outro conflito atual, exposto por adeptas do pole dance sensual e por dançarinas que são *strippers* profissionais, é a apropriação de elementos da subcultura do *striptease* pelo pole dance e, ao mesmo tempo, a sua negação.

Esse é um conflito velado e polêmico dentro da comunidade de pole dance, optei por citá-lo, pois o presente trabalho não tem o propósito de aprofundar cada disputa e, sim, mostrar como o pole dance pode ser um fenômeno complexo e multifacetado. Também tive dificuldade de expor muitas nuances sobre as disputas que eu só pude sentir enquanto praticante de pole dance, não como pesquisadora.

Um exemplo de questão que compõe a problemática sobre o tema é o caráter elitista do ensino de pole dance em estúdios de dança. No Brasil, o valor da mensalidade de uma aula de pole dance é muito alto e, dependendo do número de aulas realizadas por semana, pode variar entre 150 e 300 reais. Isso leva a outra questão: quais os corpos que praticam pole dance? Não pude comprovar por meio de pesquisa, mas levo em consideração a minha experiência pessoal e posso responder que são mulheres cisgênero, brancas e de classe média. Bahri (2012), afirma que as aulas de pole dance são, provavelmente, restritas às classes médias e altas da

população, por ser uma atividade que requer um investimento de tempo livre e dinheiro. Um ponto, que pode ser considerado em futuras pesquisas, é se a classe social das mulheres praticantes de pole dance faz com que elas sejam mais respeitadas, mesmo quando optam pela forma sensual.

Os discursos sobre pole dance mudam de acordo com o espaço. Existem disputas internas (dentro da comunidade de pole dance) e externas (das praticantes com membros externos e com o imaginário social).

Parece-me que a maior disputa com a comunidade externa é a luta pela retirada do estigma de sensualidade e erotismo, de duas maneiras: uma afirmando que o pole dance é esporte e outra afirmando que não é coisa de *stripper*. Ambas as visões são excludentes: os pontos de vista associados à legitimação do pole dance como um esporte excluem as outras formas; as visões que afirmam que pole dance não é coisa de *stripper* excluem as mulheres que dançam de maneira profissional na noite, sejam *strippers* ou prostitutas.

Um dos pontos de partida do trabalho, pelo viés teórico, foi o debate acadêmico sobre empoderamento ou objetificação das mulheres, levando em consideração os avanços feministas e as pressões sociais e expectativas que ainda são colocadas nas mulheres, para que pareçam e ajam de forma feminina e sensual. Permito afirmar, pelo meu trabalho e pelo resultado das pesquisas estudadas, que o pole dance é um fenômeno complexo e multidimensional, que pode abranger ambas as situações (empoderamento e objetificação) e muitas outras.

Pelas redes sociais e em conversas com praticantes de pole dance, vejo que hoje há um encontro entre oferta e demanda de questões ligadas ao feminismo, como aceitação do próprio corpo, empoderamento e libertação sexual.

O discurso do empoderamento permite algumas interpretações ambíguas. Dentro da teoria feminista, podemos enquadrá-lo numa linha liberal, que defende a escolha individual da mulher. Essa linha enxerga a sensualidade e a sexualidade como um ato de empoderamento porque a mulher se sente bonita e bem consigo mesma, independente do que os homens pensam. Vertentes opostas podem interpretar que o feminismo deve se preocupar com questões sociais e não ações individuais.

Em algumas linhas feministas, a sexualização da mulher na cultura *pop* incomoda e é vista como objetificação e manutenção do machismo. Parece-nos evidente que a exploração da sensualidade e do erotismo do corpo feminino é maior que a do corpo masculino.

Acredito que uma das problemáticas que está em jogo é a reprodução de padrões estéticos hegemônicos e estereótipos de gênero, típicos de uma sociedade patriarcal. Durante a minha pesquisa, notei que a maioria das imagens que aparecem na publicidade de estúdios de pole dance e nas notícias relacionadas ao assunto reproduz estereótipos sexuais tradicionais (binômio homem-cisgênero e mulher-cisgênero). Não encontrei, na mídia e na internet, nenhuma imagem de pessoas transgênero e pouquíssimas imagens de corpos velhos, gordos ou feios (de acordo com o padrão social) praticando pole dance. Porém, na minha experiência pessoal, encontrei diversos corpos praticantes de pole dance, dentro e fora dos padrões de beleza. Existe uma disputa de aparência estética: a mídia ainda não costuma incluir os corpos fora do padrão, mas existe um movimento dentro da comunidade de praticantes de pole dance que milita pela inclusão.

A conservação de padrões e estereótipos não parece empoderador para as mulheres; ou, pelo menos, podemos questionar para quais mulheres importa a conservação ou modificação desses padrões. Também podemos nos perguntar se, ao encarnar o estereótipo da feminilidade sensual, a mulher estaria contribuindo para a desigualdade de gêneros.

Minha desavença com o termo empoderamento iniciou quando estava conversando com a dona de um estúdio de pole dance sobre o assunto. Ela me disse que não concordava que o pole dance empoderava as mulheres, pois achava a ideia enganosa, inclusive se sentia desconfortável ao vender isso às alunas, já que o empoderamento devia vir de dentro. Mas, como empresária, precisava vender essa ideia, já que os estúdios concorrentes também o faziam.

O empoderamento das mulheres, no meu ponto de vista, inclui desafiar as definições de gênero hegemônicas e promover mudanças. O uso da sensualidade pode ser estratégico, tanto para atrair o olhar masculino, quanto para reivindicar uma nova

ordem ao se opor à ideia de passividade das mulheres e sua limitação ao espaço privado.

Se o espaço privado também é político, então, o que se faz na vida pessoal é um ato político e, no caso do pole dance, pode ser considerado um ato feminista. Ao exibir publicamente o seu corpo e provocar o desejo, a mulher representa uma ameaça ao patriarcado: acabou o “bela, recatada e do lar”.

No passado (e até hoje, em algumas culturas ou situações), foi vetado ao corpo da mulher circular livremente no espaço público. Quais os sentidos atribuídos à expressão do corpo de uma mulher hoje? Dançar de forma sensual é se transformar em um objeto sexual ou é uma ação de liberdade individual (ou ambos)? O real poder de uma mulher não deve passar pelo seu corpo ou é possível usá-lo como estratégia? O presente trabalho apresentou resultados para algumas questões relacionadas ao pole dance e acabou abrindo um leque de problemáticas.

Pretendo continuar pesquisando sobre pole dance e, após esse trabalho inicial, que me ajudou a situar algumas questões, sinto a necessidade de envolver as praticantes e realizar um trabalho etnográfico. Também pretendo analisar com mais propriedade as publicações relacionadas ao pole dance na internet, tratando o espaço virtual como um espaço antropológico.

Sobre a questão da objetificação *versus* empoderamento, penso que seria interessante realizar uma pesquisa de campo para aprofundar melhor essa disputa. De que maneira as aulas de pole dance tem a capacidade de empoderar as mulheres? É possível que as aulas estejam ensinando às mulheres performances de feminilidade e/ou autoconfiança sexual?

Desejo que as considerações do trabalho possam servir de reflexão à comunidade acadêmica e aos atores envolvidos e também ajudar em novas pesquisas, mais aprofundadas, sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Kerry Louise. **Poles apart?:** women negotiating femininity and feminism in the fitness pole dancing class. 2011. 332 f. Tese de doutorado em Filosofia, University of Nottingham, Nottingham, UK, 2011.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. **Conjectura**, v. 15, n. 1, p. 107-118, jan./abr. 2010.
- BAHRI, Jacenta. Fun, fitness, fantasy: consuming pole dancing classes as an “empowering” gendered leisure practice. **Manitoba Anthropology**, v. 30, p. 1-11, 2012.
- BEDIA, Rosa Cobo. El gênero em las ciências sociais. **Cuadernos de Trabajo Social**. V. 18, p. 249-258, 2005.
- BIANCIOTTI, María Celeste. Cuerpo y gênero: apuntes para pensar prácticas eróticas de mujeres jóvenes. Aportes de Judith Butler y Pierre Bourdieu. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, ano 3, n. 6, p. 70-82, ago./set. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.
- BOURDIEU, Pierre. **Razones prácticas. Sobre la teoría de la acción**. 2ª ed. Barcelona: Anagrama, 1997.
- BROCHIER, Bianca. **POLE DANCE:** um estudo antropológico sobre performance e representações sociais. 2013. 58 f. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CADWALLADER, Amy Patricia. Pole Dance Ethnography – practice, pedagogy, performance. **Accelerando: Belgrade Journal of Music and Dance**. fev. 2017.
- CASTRO, Luciana. Pole dance está cada vez mais perto de se tornar um esporte olímpico. **A Gazeta**. 21/10/2017. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/esportes/mais_esportes/2017/10/pole-dance-esta-cada-vez-mais-perto-de-se-tornar-um-esporte-olimpico-1014104391.html>. Acesso em: 25/03/2018.
- CHANGE.ORG. **Campanha Nacional Pela Legitimação do Pole Dance 2016**. 10/10/2016. Disponível em: <<https://www.change.org/p/brasil-campanha-nacional-pela-legitima%C3%A7%C3%A3o-do-pole-dance-2016>>. Acesso em: 20/03/2018.

CONSULTOR JURÍDICO. **Instrutor de pole dance não precisa ser formado em Educação Física.** 14/10/2017. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-out-14/instrutor-pole-dance-nao-formado-educacao-fisica>>. Acesso em: 27/04/2018.

CTV LONDON. **Pole dancing not welcomed at Take Back the Night event.** 12/09/2016. Disponível em: <<https://london.ctvnews.ca/pole-dancing-not-welcomed-at-take-back-the-night-event-1.3068469>>. Acesso em: 0/03/2018.

CZECH, Andrezza. **Homens também praticam pole dance, mas enfrentam preconceito.** UOL. 21/10/2013. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2013/10/21/homens-tambem-praticam-pole-dance-mas-enfrentam-preconceito.htm>>. Acesso em: 19/05/2018.

DALE, Joshua Paul. The future of pole dance. **Australasian Journal of Popular Culture**, v. 2, n. 3, p. 381-396, set. 2013.

DIMLER, Ariel Janoah. **Pole fitness and positive body image: na interpretative phenomenological analysis.** 2015. 99f. Dissertação de mestrado em Artes, University of Alberta, Edmonton, CA, 2015.

DOMINGUES, Renata. Democrático: atleta faz bonito e mostra que pole dance também é coisa de homem. **Globo Esporte.** 25/04/2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/eu-atleta/treinios/noticia/democratico-atleta-faz-bonito-e-mostra-que-pole-dance-tambem-e-coisa-de-homem.ghtml>>. Acesso em 03/05/2018.

DONAGHUE, Ngaire; WHITEHEAD, Kally; KURZ, Tim. Spinning the pole: a discursive analysis of the websites of recreational pole dancing studios. **Feminism & Psychology**, v. 21, n. 4, p. 443-457, nov. 2011.

EFRAIM, Anita. Visto como esporte, pole dance atrai homens que buscam definição muscular. **O Estado de São Paulo.** 16/08/2016. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,visto-como-esporte-pole-dance-atrai-homens-que-buscam-definicao-muscular,10000069785>>. Acesso em: 03/05/2018.

FERNANDES, Jadna Martinhago. **Motivo na aderência de mulheres a pratica regular de aulas de pole dance na cidade de Criciúma-SC.** 2012. 45 f. Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

FERREIRA, Carolina Fernandes. **Redescobrimo ser-si-mesmo: a existencialidade de mulheres praticantes de pole dance.** 2015. 80 f. Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O esporte e a cultura fitness como espaços der generificação dos corpos. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, set. 2007. **Anais eletrônicos.** Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/096.pdf>>. Acesso em 15 de mar. 2018.

GÓMEZ-RAMÍREZ, Oralia. **Swinging around the pole**: sexuality, fitness, and stripper stigma in erotic dancing classes. 2007. 55f. Dissertação de mestrado em Artes, University of British Columbia, Vancouver, CA, 2007.

GONÇALVES, Annelise Campos. **“Viva o matriarcado pole dance”** – uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance. 2017. 65 f. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

HOLLAND, Samantha. **Pole dancing, empowerment and embodiment**. 1ª ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2010.

IPDFA. **History of Pole**. Disponível em: <<http://ipdfa.com/about/history-of-pole/>>. Acesso em: 03/03/2018.

Jornal do Brasil. **Campanha nacional pela legitimação do pole dance**. 03/10/2016. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2016/10/03/campanha-nacional-pela-legitimacao-do-pole-dance/>>. Acesso em: 19/05/2018.

LEVY, Ariel. **Female Chauvinist Pigs: Women and the Rise of Raunch Culture**. 1ª ed. Londres: Simon and Schuster, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade, gênero e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LUNA, Juliana. Poledance quer superar estigma de dança de boate e virar esporte olímpico. **UOL**. 18/07/2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/azmina/2016/07/18/poledance-quer-superar-estigma-de-danca-de-boate-e-virar-esporte-olimpico.htm>>. Acesso em: 20/03/2018.

MELO et al. Estereótipos de gênero aplicados a homens atletas praticantes de esportes culturalmente femininos: a percepção de leigos, profissionais da Educação Física e atletas profissionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, n. 3, p. 30-37, 2015.

MENGUE, Priscila. De sensual, pole dance vira arma de empoderamento. **O Estado de São Paulo**. 24/06/2017. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,de-sensual-pole-dance-vira-arma-de-empoderamento,70001860857>> . Acesso em: 03/05/2018.

MESQUITA, Elaine Cristina; ARAS, Lina Maria Brandão. A desconstrução do público/privado e a construção do “pessoal é político” na teoria feminista. In: 17º Encontro Nacional da rede feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre a mulher e relações de gênero – REDOR, nov. 2012, UFPB. **Anais eletrônicos**. João Pessoa, 2012. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/60/203>. Acesso em 05 de mar. 2018.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Revista Florestan**, ano 1, n. 2, p. 8-25, nov. 2014.

NOGUEIRA, Quefren Weld Cardoso. Lutando contra a anomia: considerações sobre esporte e moralidade. **Pensar a Prática**, v.19, n.3, p. 677-687, jul./set. 2016.

NOVELINO, Aida. Feminilidade: um perfil cultural. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 16, n. 1-3, p. 19-31, 1998.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, v. 16, n.2, p. 305-332, mai./ago. 2008.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, v.9, n.1, p. 25-34, 1998.

POLE PALOUR. **The (Real) History of Contemporary Pole Dance**. 2016. Disponível em: <<http://www.poleparlour.com/history-of-pole/>>. Acesso em 03/03/2018.

RAY, Peach Lee. There is no stigma attached to pole dancing. **Pole with Peach**. 20/09/2016. Disponível em: <<https://www.polewithpeach.com/blog/there-is-no-stigma-attached-to-pole-dancing/>> . Acesso em: 01/03/2018.

SANER, Emine. From strip clubs to sports halls: the reinvention of pole dancing. **The guardian**. 25/07/2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2016/jul/25/strip-club-pole-dancing-children-stigma-olympic-sport>>. Acesso em: 25/03/2018.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 2 n. 2, p. 71-99, jul-dez.1995.

SILVA, Isis Leal. "Somos ou não somos um esporte?": uma abordagem antropológica do pole dance. In: VII Jornada de alunos do PPGA-UFF, out. 2013. **Anais eletrônicos**. Niterói, 2013. Disponível em: <<https://jornadappga2013.files.wordpress.com/2013/06/leal-isis.pdf>>. Acesso em 01 de mar. 2018.

SILVA, Isis Leal. Corporalidade no pole dance: uma análise antropológica. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, ago. 2014. **Anais eletrônicos**. Natal, 2014. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402022829_ARQUIVO_IsisLeal-artigoRBA.pdf>. Acesso em 20 de mar. 2018.

SILVA, Isis Leal. **Identidades de gênero, corporalidade e esportivização**: uma perspectiva antropológica da prática do pole dance. 2016. 108 f. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, jan-mar 2007.

SPEED, Barbara. Pole fitness: the respectable face of pole dancing? **The guardian**. 29/04/2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2014/apr/29/pole-fitness-dancing-pole-fitness-olympics>>. Acesso em: 25/03/2018.

UNIVERSO AA. **Vai passar mal: esses 11 rapazes provam por A mais B que pole dance é esporte para homem com H maiúsculo (e minúsculo também!)**. 05/10/2017. Disponível em: <<http://www.universoaa.com.br/lifestyle/11-homens-que-provam-que-pole-dance-nao-e-coisa-de-meninas-ui/>>. Acesso em: 19/05/2018.

WHITEHEAD, Kally; KURZ, Tim. 'Empowerment' and the Pole: a discursive investigation of the reinvention of pole dancing as a recreational activity. **Feminism & Psychology**. v. 19, n. 2, p. 224-244, 2009.

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso; SALLES, José Geraldo do Carmo. Protagonismo feminino no esporte universitário: reflexões a partir das teorias elisianas e feministas. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, nov. 2009. **Anais eletrônicos**. Recife, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W_Zeferino.pdf>. Acesso em 16 de mar. 2018.

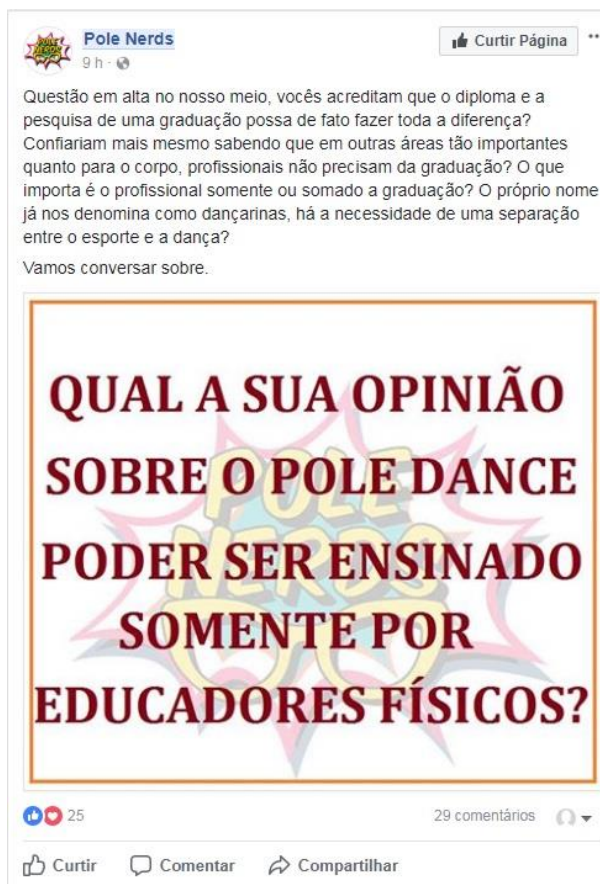
ZOBOLI, Fabio; COSTA, Tammy Rocha. Corpo, sexualidade e gênero: a mulher atleta. **Revista Espaço Acadêmico**, ano XIII, n. 154, p. 43-53, mar 2014.

ANEXO A - Regras sobre figurino em campeonato de pole esportivo

10. FIGURINO

Figurinos devem ser apropriados a um esporte atlético de competição. Eles devem cobrir inteiramente área da pelve e dos glúteos de todos os atletas e também a região dos seios para as mulheres. Atletas serão penalizados com dedução caso não respeitem as seguintes exigências para o figurino:

- 10.1. Figurino deve ter natureza esportiva.
- 10.2. Figurino deve ser colado à pele de maneira a mostrar o alinhamento corpo de maneira a permitir uma arbitragem correta.
- 10.3. Duas peças ou um collant cortado é permitido para todos os atletas; uma parte de baixo é permitida apenas para os homens.
- 10.4. O top deve cobrir completamente os seios das mulheres e não pode apresentar nenhum decote desnecessário. O top deve ter tiras de pelo menos 10 (10) milímetros de largura. A linha do pescoço não pode ser mais baixa do que oitenta (80) milímetros da parte inferior da clavícula.
- 10.5. Homens pode usar colete, top, collant recortado ou estar com o peito de fora.

ANEXO B - Pole dance deve ser ensinado somente por educadores físicos?

Pole Nerds 9 h · 🌐

👍 Curtir Página ...

Questão em alta no nosso meio, vocês acreditam que o diploma e a pesquisa de uma graduação possa de fato fazer toda a diferença? Confiariam mais mesmo sabendo que em outras áreas tão importantes quanto para o corpo, profissionais não precisam da graduação? O que importa é o profissional somente ou somado a graduação? O próprio nome já nos denomina como dançarinas, há a necessidade de uma separação entre o esporte e a dança?

Vamos conversar sobre.

**QUAL A SUA OPINIÃO
SOBRE O POLE DANCE
PODER SER ENSINADO
SOMENTE POR
EDUCADORES FÍSICOS?**

👍❤️ 25 29 comentários 🗨️

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

Fonte:

<<https://www.facebook.com/PoleNerdsBrasil/photos/a.610661582285665.1073741828.610412722310551/1690287894323023/?type=3&theater>>

ANEXO C - Esportivo e sensual juntos



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/Bh135Q1Bmv9/?hl=pt-br&taken-by=letittelles.pole.chair>>